



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

ANTÔNIO RENATO SALGADO BATISTA

**A SOCIOLOGIA E OS PROBLEMAS DE NOSSO TEMPO: CIRCULAÇÃO DE
FAKE NEWS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

FORTALEZA

2023

ANTÔNIO RENATO SALGADO BATISTA

A SOCIOLOGIA E OS PROBLEMAS DE NOSSO TEMPO: CIRCULAÇÃO DE *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE PANDEMIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Área de concentração: Ensino de Sociologia. Linha de Pesquisa: Juventude e questões contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S158s Salgado Batista, Antônio Renato.

A sociologia e os problemas de nosso tempo: circulação de fake news em tempos de pandemia / Antônio Renato Salgado Batista. – 2023.

104 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva.

1. Fake news. 2. pandemia. 3. ensino de sociologia. I. Título.

CDD 301

ANTÔNIO RENATO SALGADO BATISTA

A SOCIOLOGIA E OS PROBLEMAS DE NOSSO TEMPO: CIRCULAÇÃO DE *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE PANDEMIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Área de concentração: Ensino de Sociologia. Linha de Pesquisa: Juventude e questões contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva.

Aprovada em: 31/03/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Alexandre Jerônimo Correia Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Monalisa Lima Torres
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Às vítimas da pandemia do Covid 19.

Aos meus pais.

À minha companheira, Elizângela.

Aos meus filhos, Ruan e Heitor.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, pois, a cada um pelo enfrentamento ao meu lado de mais esse desafio; por contribuírem, de alguma forma, para a conclusão desse trabalho.

Aos meus pais, Rita de Cássia Salgado Batista e José Ribamar da Silva Batista, pelo amor e pelo incentivo ao estudo durante toda a minha vida.

Aos meus filhos, Ruan Lima Salgado e Heitor Lima Salgado, que em razão das suas vidas me fazem um ser humano feliz.

A minha leal companheira, Elizangela Pereira Lima, que ao meu lado segue firme na condução do nosso núcleo familiar.

A Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino, instituição na qual trabalho, que foi a semente desse trabalho e onde ele se desenvolveu.

Ao diretor escolar da EEM Jaime Tomaz de Aquino, Sandro José Costa Rebouças, pela compreensão e apoio ao longo do mestrado.

Aos amigos e colegas de trabalho na escola, Ocivan Oliveira Moreira e José Natanael Lima Almeida Anastácio pela ajuda e participação na pesquisa.

Aos estudantes e demais companheiros de escola, por serem inspiração e elementos essenciais na condução do TCC.

Aos colegas de mestrado, pelos conhecimentos compartilhados e pela inspiração que cada um(a) representa em seu ofício de educador(a). Prazer imenso ter feito parte dessa turma.

Aos membros da banca de avaliação, professor Alexandre Jerônimo Correia Lima e a professora Monalisa Lima Torres, pelas contribuições e críticas que consolidaram o resultado final da pesquisa.

Ao meu orientador, professor Emanuel Freitas da Silva, um agradecimento especial pela disposição, comprometimento e compreensão ao longo de todo o curso do mestrado.

Ao departamento de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, nas figuras dos professores Alexandre Jerônimo Correia Lima e Francisco Willams Ribeiro Lopes, por todos os ensinamentos e pela magnífica experiência de cursar um mestrado.

E, por fim, a Universidade Federal do Ceará, instituição que me abriu as portas do mundo do trabalho e tem parcela significativa de contribuição na minha formação enquanto pessoa e profissional.

Esse trabalho contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), como financiadora do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), a qual também rendo profundo agradecimento.

Temos que nos concentrar em duas dimensões da nossa tarefa: o saber acumulado da Sociologia e as necessidades contemporâneas da juventude. Do saber acumulado, definimos princípios lógicos do raciocínio e da imaginação sociológica. Das necessidades contemporâneas, definimos modos de ensinar, técnicas de criação de vínculos da sociologia com os alunos. (SILVA, 2009. p. 19-20)

RESUMO

Este trabalho teve como objeto de pesquisa as *fake news* que circularam sobre a pandemia do Coronavírus nas mídias sociais entre os anos de 2020 e 2022 e de como foi a percepção de estudantes de uma escola de ensino médio sobre esse problema ao longo do período. Apresenta-se, como parte integrante desse texto dissertativo, um material didático que propôs em seu corpo uma contextualização e historicização da era da informação como elemento estrutural da nossa época, uma revisão bibliográfica da literatura especializada nos problemas da comunicação digital, com ênfase nas *fake news*, acompanhada por uma análise de conteúdo como referencial analítico e procedimental cuja lente demonstrou ser bastante útil ao ensino-aprendizagem do tema nas aulas de Sociologia, sobretudo no contexto desse tipo de mídia no Brasil durante os anos de pandemia. Dessa forma, o trabalho buscou apontar possibilidades para abordar o problema no ambiente escolar com a cientificidade e responsabilidade pedagógica e social que ele exige frente aos riscos que oferece a sociedade.

Palavras-chave: *Fake news*; pandemia; ensino de sociologia.

ABSTRACT

This work had as its object of research the fake news that circulated about the Coronavirus pandemic in social media between the years 2020 and 2022 and how was the perception of students from a high school about this problem over the period. It presents, as an integral part of this dissertation text, a didactic material that proposed in its body a contextualization and historicization of the information age as a structural element of our time, a bibliographical review of the specialized literature in the problems of digital communication, with emphasis on fake news, accompanied by a content analysis as an analytical and procedural framework whose lens proved to be very useful for teaching and learning the subject in Sociology classes, especially in the context of this type of media in Brazil during the pandemic years. In this way, the work sought to point out possibilities to approach the problem in the school environment with the scientificity and pedagogical and social responsibility that it requires in the face of the risks that society offers.

Keywords: Fake news; pandemic; sociology teaching

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Matriz curricular da escola laboratório (1ª série)..... | 22 |
| Figura 2 - Matriz curricular da escola laboratório (2ª e 3ª séries)..... | 23 |
| Figura 3 - Prevenção via alimentos | 45 |
| Figura 4 - Contágio do vírus | 45 |
| Figura 5 - Vacinas e óbitos | 47 |
| Figura 6 - Cobaias humanas | 48 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Equipamentos para acesso as redes sociais | 25 |
| Gráfico 2 - Buscas nas redes sociais..... | 26 |
| Gráfico 3 - Notícias falsas nas redes sociais..... | 28 |
| Gráfico 4 - Contato prévio com o tema..... | 80 |
| Gráfico 5 - Atividades da cartilha..... | 81 |
| Gráfico 6 - Aspectos imagéticos e áudio visuais..... | 82 |
| Gráfico 7 - Texto do material didático..... | 83 |
| Gráfico 8 - Auto avaliação de aprendizagem com a utilização da cartilha..... | 83 |
| Gráfico 9 - Relação entre aprendido e a cartilha..... | 86 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Mapa de turmas..... | 20 |
| Tabela 2 - Espaço predial..... | 21 |
| Tabela 3 - Equipamentos para uso pedagógico na escola..... | 21 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CREDE | Coordenadoria Regional de desenvolvimento da educação |
| FIOCRUZ | Fundação Oswaldo Cruz |
| IAS | Inteligências artificiais |
| LEC | Laboratório de Ensino de Ciências |
| LEI | Laboratório Educacional de Informática |
| MS | Ministério da Saúde |
| NUJOC | Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação |
| OCN | Orientações Curriculares Nacionais |
| PBF | Programa Bolsa Família |
| PCA | Professor Coordenador de Área |
| PPDT | Projeto Professor Diretor de Turma |
| RMF | Região Metropolitana de Fortaleza |
| SEDUC | Secretaria da educação |
| SIGE | Sistema Integrado de Gestão Escolar |
| UFC | Universidade Federal do Ceará |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 A ESCOLA LABORATÓRIO..... | 20 |
| 3 SOCIOLOGIA, REDES DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO – DAS MÍDIAS ÀS <i>FAKE NEWS</i> | 30 |
| 3.1 A Sociologia e a comunicação..... | 31 |
| 3.2 <i>Fake news</i>: Um conceito polissêmico..... | 37 |
| 3.3 As <i>fake news</i> no contexto da pandemia..... | 43 |
| 3.4 A situação de pós-verdade e as <i>fake news</i>..... | 49 |
| 3.5 Bolhas, algoritmos, las e o <i>Big Data</i>..... | 60 |
| 4 O MATERIAL DIDÁTICO: COMUNICAÇÃO DIGITAL E <i>FAKE NEWS</i> EM TEMPOS DE PANDEMIA..... | 68 |
| 4.1 Educação midiática e ensino de Sociologia..... | 69 |
| 4.2 Análise da aplicação da cartilha: limites e possibilidades..... | 75 |
| 5 CONCLUSÃO..... | 88 |
| REFERÊNCIAS..... | 91 |
| APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO INICIAL AOS ESTUDANTES..... | 94 |
| APÊNDICE B – RELATÓRIO DE APLICAÇÃO DA CARTILHA..... | 99 |
| APÊNDICE C – AVALIAÇÃO DA CARTILHA (ESTUDANTES)..... | 102 |

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada nas linhas desse trabalho de conclusão está situada no campo temático da educação midiática, sendo o objeto de estudo os conteúdos em torno da pandemia do novo Coronavírus que circularam nas redes sociais de personalidades públicas do universo das mídias digitais alinhados ideologicamente ou politicamente ao bolsonarismo e que chegaram em forma de publicação até a população em geral com acesso as redes. Esse conteúdo fabricado foi divulgado e impulsionado por usuários reais e também por robôs de conteúdo patrocinado e foram identificadas como *fake news* por diferentes veículos de comunicação como portais de notícias de grupos tradicionais da mídia como o grupo Globo, canais oficiais como a página do Ministério da Saúde e observatórios de checagem de fatos ligados a instituições acadêmicas e/ou profissionais do jornalismo como o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (UFPI), entre outras iniciativas que se enquadram nesses três grupos.

As *fake news* são um problema da sociedade da era da comunicação digital e interativa constituindo um tipo de conteúdo que é impulsionado e se espalha pela rede através dos compartilhamentos dos usuários. Infelizmente, grande parcela dos usuários não possui conhecimentos e habilidades para confirmar o que leu em veículos de comunicação de credibilidade, que independente de posições partidárias fazem a devida curadoria das suas notícias por estarem submetidas a regulamentação legal, o que ainda é escasso e incipiente no caso da responsabilização das grandes plataformas de mídias sociais.

Nesse contexto, muitas notícias e informações circularam nas plataformas e aplicativos de mensagens e possibilitaram que uma outra pandemia se alastrasse tendo como mote o Covid 19, as *fake news* em torno da doença, que difundiram desinformação de todo o tipo. As *fake news* são prejudiciais sob quaisquer circunstâncias, porém quando se trata de saúde pública podem contribuir significativamente com o agravamento da situação, pois dado o medo que toma conta de muitas pessoas, o interesse de outras em tirar proveitos diferentes da situação e o desconhecimento generalizado sob as perspectivas de uma educação para as mídias pode acarretar em tomadas de decisão com sérias consequências para a prevenção e o combate de diferentes enfermidades, nesse caso a Covid 19.

Diante desse problema, a investigação sociológica assume o papel de conduzir o pesquisador ao estudo dos processos de interação social que ocorrem no meio digital das redes sociais, assim, passei a levantar algumas questões a partir das quais conduzi uma pesquisa bibliográfica sobre o objeto de estudo e sobre formas de trabalhar com o mesmo no ensino de Sociologia, articulando essas leituras ao campo da Sociologia da Comunicação. Entre os questionamentos iniciais destacaram-se uma formulação inicial sobre como as fake news e os outros problemas que envolvem a comunicação digital se relacionam e impactam a formação da opinião e o debate que ocorrem na esfera pública digital com relação a pandemia de Covid 19? E, em extensão, quais são as características da produção, postagem e compartilhamento nas mídias sociais de notícias falsas em torno da pandemia? Por fim, como trabalhar na escola básica o tema das *fake news* nas aulas de Sociologia e contribuir para uma formação crítica do(a)s estudantes em relação ao tema? Assim, foi a partir dessas questões que surgiu o presente trabalho.

Levantadas as questões iniciais delimitei como corpus de pesquisa e material empírico para o material pedagógico os conteúdos presentes nas *fake news* em torno da pandemia do Covid 19 veiculados em diferentes sites, redes e mídias sociais como o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *You tube* e *Tik Tok*, bem como em aplicativos de conversas, o *whatsapp* e o *telegram*¹, entre janeiro de 2020 e julho de 2022 no site do Ministério da Saúde e no Portal G1 de notícias. Além desse levantamento, para a análise visual das *fake news* selecionadas foi necessário recorrer a outros bancos de dados como o Nujoc (Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação) vinculado a Universidade Federal do Piauí e o blog do aplicativo eu fiscalizo vinculado a Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), pois nos sites mencionados a priori as imagens aparecem com tarjas que impossibilitam a visualização completa e os últimos trazem esse material com visualização livre, o que possibilitou a análise do conteúdo das *fake news* para além de dados quantitativos.

Delimitados os dados e o período a serem mapeados e estudados, e posteriormente selecionadas as *fake news*, foi realizado um levantamento quantitativo

¹ A escolha pelas redes sociais e aplicativos de conversa apontados no corpo do texto teve como base as respostas do questionário inicial de pesquisa respondido por estudantes da Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino que apontaram para um uso mais geral das mídias sociais que envolve várias ao mesmo tempo. A escolha teve por base também a análise quantitativa e qualitativa das *fake news* pesquisadas ao longo do desenvolvimento desse trabalho.

que possibilitou o conhecimento das principais categorias (temas) sobre as quais foram produzidas, veiculadas e compartilhadas as notícias falsas em torno da pandemia. Também foi possível levantar os canais de divulgação e os formatos que predominaram no tocante as notícias falsas e montar o quadro geral do problema. Entendendo que o corpus da pesquisa tanto servirá para subsidiá-la quanto para ser trabalhado no material didático a ser entregue como parte desse trabalho de conclusão de curso utilizei como principal referencial metodológico a análise de conteúdo.

A opção por esse referencial analítico e procedimental tem por base a intenção de com sua lente lançar foco nos conteúdos presentes em *fake news* nas diferentes mídias sociais, analisando o teor das suas produções situadas no contexto da pesquisa e no corpo do material didático aplicado no espaço da pesquisa, a escola laboratório.

Esse espaço é a Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino, localizada no município de Beberibe, estado do Ceará, onde ocupo no momento a função de coordenador escolar. A opção por desenvolver a pesquisa nessa instituição ocorreu devido ser nela onde surgiram as primeiras questões sobre o tema durante o período de aulas remotas, no contato com o(a)s estudantes e docentes no ambiente virtual da plataforma *Google Meet*. A proposta é tomar o ambiente de sala de aula, já retomado o modelo de aulas presenciais, como laboratório de pesquisa no sentido de levantar dados empíricos sobre a percepção do objeto pelo(a)s estudantes e com os resultados obtidos construir um material didático (cartilha) para trabalhar a temática nas aulas de Sociologia, em seguida, avaliar o material e sua aplicação para adaptações e correções.

Com o intuito de produzir, aplicar e avaliar o uso de uma cartilha como recurso didático nas aulas de Sociologia sobre o tema das *fake news* com ênfase na pandemia do novo Coronavírus, foi desenvolvido inicialmente um levantamento empírico na escola onde o material foi aplicado, utilizando como metodologia a aplicação de formulário online (*google* formulários), cujo objetivo foi construir uma quadro geral do que o(a)s estudantes utilizam, conhecem e entendem sobre as redes sociais e sua lógica de funcionamento, bem como sobre a intersecção das *fake news* com a Covid 19 que passou a existir nesse meio das mídias digitais.

Após esse primeiro momento, o recurso didático foi elaborado a partir das necessidades encontradas a priori, utilizando pesquisa bibliográfica, elaboração de

tabelas com base em bancos de dados de sites de checagem de notícias e seleção de *fake news*, organizadas para a transposição didática.

Como estou atualmente exercendo a função de coordenador escolar, ficou acertado em acordo com o docente de Sociologia da escola, que durante a aplicação do material didático seria observado por mim em sala de aula o trabalho com o recurso proposto, optando por uma das turmas e nessa mesma sala realizar ao final um questionário online com alguns estudantes para acessar dados mais sensíveis e percepções mais individualizadas.

Também foi trabalhado um relatório de aplicação do material respondido pelo docente, onde o objetivo foi capturar seu diagnóstico sobre a qualidade do recurso, nas dimensões qualitativa e quantitativa, se atendia ao objetivo de trabalho com a temática, bem como suas sugestões e críticas para a revisão do mesmo.

Complementando as técnicas da aplicação de formulário e relatório, a observação participante constituiu ao longo dos momentos de utilização do recurso didático outra ferramenta procedimental dessa pesquisa, pois acredito que seja um método importante para uma análise mais profunda do espaço, dos indivíduos que fazem parte dele e da dinâmica constitutiva do ambiente escolar.

Esta pesquisa é quantitativa e qualitativa por considerar importante revelar dados quantitativos sobre o objeto de estudo, bem como informações de teor qualitativo, mais detalhadas e simbólicas acerca do tema e possibilidades de acesso à informações através da interação que a pesquisa de campo pode proporcionar.

Com base no exposto anteriormente sobre o percurso metodológico o trabalho de conclusão foi finalizado com uma síntese em cujo corpo está uma breve análise sobre os resultados alcançados e perspectivas futuras para o trabalho com o objeto estudado na disciplina de Sociologia.

Por fim, o texto será organizado do seguinte modo:

Na primeira etapa, apresentei o ambiente escolar onde estudam os jovens com os quais a pesquisa foi realizada e onde o material didático foi aplicado inicialmente, suas características como localização geográfica, aspectos sócio econômicos da comunidade escolar, o espaço físico e a equipe pedagógica, bem como a sua organização curricular. Em seguida, foi construída uma análise das respostas do(a)s estudantes ao questionário inicial que teve como objetivo observar e colher dados sobre o conhecimento prévio acerca da temática das *fake news* e da relação destas com a pandemia de Covid 19.

Na segunda etapa apresenta-se e discute-se o referencial teórico da ótica sociológica sobre a comunicação e as mídias que nortearam o trabalho, em seguida foi apresentada uma exposição sobre os aspectos estruturais, conjunturais e factuais que auxiliam na compreensão dos fatores que explicam em que bases as *fake news* estão alicerçadas e como estão interligadas aos demais problemas da comunicação digital, como a pós-verdade, as bolhas de informação, os algoritmos de programação, as IAS (inteligências artificiais) e o *big date*.

É importante destacar que compreender o funcionamento do ecossistema da desinformação passa por conhecer e analisar a relação desses elementos que trabalham de forma articulada no processo de fabricação e circulação das notícias falsas pelas mídias sociais.

Na etapa final, a discussão tem como centro o próprio material didático, explicitando quais os objetivos da proposta. Primeiramente, a discussão foi sobre a educação midiática e o ensino de sociologia, ou seja, foi apontado como o(a) docente da disciplina na escola básica poderia trabalhar essa temática, apresentando reflexões, referenciais e metodologias articuladas as propostas de competências e habilidades a serem desenvolvidas nesse campo das mídias e que estão no corpo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de referência para a etapa escolar que essa pesquisa se propôs a estudar e produzir material pedagógico, bem como as orientações para o ensino de sociologia contidas nas OCNs (Orientações Curriculares Nacionais - 2006) para o ensino médio, na parte que trata das Ciências Humanas e suas tecnologias, denominação anterior da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Segui com a exposição de como foi elaborado o material, sobre como deve ser sua aplicação e se os resultados esperados foram alcançados, quais sejam, uma síntese mental onde o(a)s aluno(a)s devem demonstrar capacidade de se ver no processo enquanto sujeitos e terem desenvolvido um olhar baseado no saber científico, sendo capazes de desnaturalizar o fenômeno e relacioná-lo ao contexto de crises do mundo pós-moderno. Por fim, apresento a avaliação desse material, centrada na figura do(a) docente de Sociologia que aplicou o material em suas aulas e do(a)s estudantes que o utilizaram em seus estudos sobre as *fake news* em tempos de pandemia e com suas impressões de limites e possibilidades apontar alternativas que possam enriquecer o trabalho com o tema e uma revisão do material didático produzido.

Nas considerações finais retorno às principais reflexões construídas ao longo da pesquisa buscando perceber se contribui enquanto professor e pesquisador com a produção teórica para o fortalecimento da dimensão didática de nossa ciência de referência e buscando evidenciar que ela permanece necessária e fundamental em sua posição de análise e enfrentamento, ajudando os sujeitos na compreensão de suas aflições coletivas, na desnaturalização das condições e no entendimento de como a comunicação digital, da era informacional opera, e, assim, melhorar a capacidade de reflexão e ação dos sujeitos.

2 A ESCOLA LABORATÓRIO

A Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino está situada na rodovia federal BR – 304, no km 20, distrito de Forquilha, ficando a 76 quilômetros da sede do município de Beberibe, localizado no litoral leste do Estado do Ceará. Fica sob a jurisdição da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), sob a coordenação da 9ª Coordenadoria Regional de desenvolvimento da educação (Crede), situada em Horizonte, cidade da região metropolitana de Fortaleza (RMF) e iniciou suas atividades em 02 de setembro de 2019.

A unidade de ensino é localizada em área predominantemente rural, atendendo com matrícula estudantes das comunidades que integram o distrito de Forquilha e de Serra do Félix em um raio de até 35 quilômetros do seu prédio. Funciona na modalidade de ensino regular nos turnos manhã e tarde na seguinte distribuição de estudantes/turmas/série.

Tabela 1 – Mapa de turmas

| Série | Turma | Turno | Quantidade |
|--------------|-------|-------|------------|
| 1º ano | A | Manhã | 39 |
| 1º ano | B | Tarde | 43 |
| 1º ano | C | Tarde | 42 |
| 2º ano | A | Manhã | 37 |
| 2º ano | B | Manhã | 30 |
| 2º ano | C | Tarde | 48 |
| 3º ano | A | Manhã | 35 |
| 3º ano | B | Tarde | 30 |
| 3º ano | C | Tarde | 31 |
| Total | | | 335 |

Fonte: sige.seduc.ce.gov.br em 19 de julho de 2022

O público escolar da instituição é majoritariamente enquadrado na classificação de baixa renda, onde 177 estudantes recebem o benefício social Auxílio Brasil, nome atual do Programa Bolsa Família (PBF), e onde ao menos um dos responsáveis informou que sua profissão é agricultor(a).² Importante destacar ainda como característica sócio econômica marcante a grande quantidade de estudantes que possuem jornada de trabalho ou diárias avulsas informais, como maneira de complementar a renda familiar e

² Esses dados foram colhidos no Sistema Integrado de Gestão Escolar (SIGE) e nas pastas de documentação escolar arquivadas na secretaria da instituição.

para prover formas de lazer ou aquisição de objetos. A escola dispõe ainda da seguinte estrutura e equipamentos.

Tabela 2 – Espaço predial

| BLOCO 1 | BLOCO 2 | BLOCO 3 |
|-----------------------------|------------------------------|-------------------------|
| Sala dos professores | Laboratório de Química | Sala de aula 1 |
| Banheiros dos funcionários | Laboratório de Biologia | Sala de aula 2 |
| Sala da coordenação de área | Laboratório de Física | Sala de aula 3 |
| Sala da coordenação | Laboratório de Matemática | Sala de aula 4 |
| Sala da direção | Laboratório de Informática 1 | Sala de aula 5 |
| Sala da secretaria escolar | Laboratório de Informática 2 | Sala de aula 6 |
| Hall de entrada | | Anfiteatro |
| Sala do grêmio escolar | | Cantina |
| Biblioteca | | Refeitório |
| Sala de vídeo | | Banheiro dos estudantes |
| Estacionamento | | Ginásio Poliesportivo |

Fonte: Projeto Político Pedagógico 2022 da escola laboratório.

Tabela 3 – Equipamentos para uso pedagógico na escola

| EQUIPAMENTOS | |
|---|---------------------------------------|
| Equipamentos laboratoriais da área de Química. | 01 aparelho de som MONDIAL System One |
| Equipamentos laboratoriais da área de Biologia. | 01 caixa de som grande |
| Equipamentos laboratoriais da área de Física. | 01 caixa de som pequena |
| Equipamentos laboratoriais da área de Matemática. | 04 microfones sem fio |
| 38 computadores de mesa AOC. | Kit cartográfico |
| 01 notebook Positivo. | |
| 02 equipamentos de datashow. | |
| 01 tela de projeção. | |
| 01 televisão – 42 polegadas | |
| 01 aparelho de som Mondial Thunder VII - 80w | |
| 02 webcams | |

Fonte: Projeto Político Pedagógico 2022 da escola laboratório.

Conta com uma equipe pedagógica composta por um (01) diretor escolar, um (01) coordenador escolar, uma (01) secretária escolar, uma (01) auxiliar administrativo), um (01) coordenador financeiro, quatro (04) vigilantes, dois (02) auxiliares de serviços gerais, duas (02) merendeiras, um (01) porteiro e dezesseis (16) docentes lotados nas quatro áreas do conhecimento³ ligadas diretamente ao exercício em sala de aula seja na base comum ou na parte diversificada do currículo em disciplinas obrigatórias ou eletivas

³ O currículo está organizado em torno das áreas de Ciências Humanas e Sociais aplicadas, Ciências da Natureza, Linguagens e Códigos e Matemática articuladas as disciplinas da base comum ou parte diversificadas, sejam obrigatórias ou eletivas.

(optativas), bem como no desempenho das funções de professor coordenador de área (PCA), professor do laboratório de ensino de ciências (LEC), professor do projeto diretor de turma (PPDT), professor do laboratório de informática (LEI) e regente da biblioteca (sala de multimeios).

Por fim, no que concerne à carga horária das disciplinas, ou seja, ao que se denomina como matriz curricular a unidade de ensino apresenta as seguintes formatações para dar conta do currículo do ensino médio pós-reforma e do novo ensino médio:

Figura 1 – Matriz curricular da escola laboratório (1ª série)

| | RESOLUÇÃO | COMPONENTES CURRICULARES | SÉRIE | |
|-----------------------------|----------------------|--------------------------|-------|------|
| | | | 1ª | |
| | | | S | A |
| BASE NACIONAL COMUM | LINGUAGENS | LINGUA PORTUGUESA | 3 | 120 |
| | | ARTES | 1 | 40 |
| | | EDUCAÇÃO FÍSICA | 1 | 40 |
| | | INGLÊS | 1 | 40 |
| | MATEMÁTICA | MATEMÁTICA | 2 | 80 |
| | CIÊNCIAS DA NATUREZA | BIOLOGIA | 2 | 80 |
| | | FÍSICA | 1 | 40 |
| | | QUÍMICA | 2 | 80 |
| | CIÊNCIAS HUMANAS | HISTÓRIA | 2 | 80 |
| | | GEOGRAFIA | 1 | 40 |
| | | SOCIOLOGIA | 1 | 40 |
| | | FILOSOFIA | 1 | 40 |
| | PARTE DIVERSIFICADA | FORMAÇÃO PARA CIDADANIA | 2 | 80 |
| | | REDAÇÃO | 1 | 40 |
| LINGUA ESTRANGEIRA | | 1 | 40 | |
| TEMPO ELETIVO 1 - MAT | | 2 | 80 | |
| TEMPO ELETIVO 2 - CN | | 2 | 80 | |
| TEMPO ELETIVO 3 - LC | | 2 | 80 | |
| TEMPO ELETIVO 4 - CH | | 2 | 80 | |
| TOTAL GERAL DA CARGA | | | 30 | 1200 |

Fonte: Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola laboratório. Ano de 2022.

A figura acima consiste na distribuição de carga horária e componentes curriculares da 1ª série do novo ensino médio, onde no estado do Ceará optou-se por

dividir os tempos eletivos (disciplinas optativas) nas quatro áreas do conhecimento e nos formatos presencial, híbrido e remoto.

Figura 2 – Matriz curricular da escola laboratório (2ª e 3ª séries)

| BASE NACIONAL COMUM | RESOLUÇÃO | COMPONENTES CURRICULARES | SÉRIES | | | |
|----------------------|-----------|--------------------------|--------|------|-----|------|
| | | | 2ª | | 3ª | |
| | | | C/H | | C/H | |
| | | | S | A | S | A |
| LINGUAGENS | | LÍNGUA PORTUGUESA | 5 | 200 | 5 | 200 |
| | | ARTES | - | - | - | - |
| | | EDUCAÇÃO FÍSICA | 1 | 40 | 1 | 40 |
| MATEMÁTICA | | MATEMÁTICA | 4 | 160 | 4 | 160 |
| CIÊNCIAS DA NATUREZA | | BIOLOGIA | 2 | 80 | 1 | 40 |
| | | FÍSICA | 2 | 40 | 1 | 40 |
| | | QUÍMICA | 2 | 40 | 1 | 40 |
| CIÊNCIAS HUMANAS | | HISTÓRIA | 2 | 80 | 2 | 80 |
| | | GEOGRAFIA | 2 | 80 | 1 | 40 |
| | | SOCIOLOGIA | 1 | 40 | 1 | 40 |
| | | FILOSOFIA | 1 | 40 | 1 | 40 |
| PARTE DIVERSIFICADA | | FORMAÇÃO CIDADÃ | 1 | 40 | 1 | 40 |
| | | REDAÇÃO | 1 | 40 | 1 | 40 |
| | | NTPPS | - | - | 4 | 160 |
| | | INGLÊS | 1 | 40 | 1 | 40 |
| TOTAL GERAL DA CARGA | | | 25 | 1000 | 25 | 1000 |

Fonte: Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola laboratório. Ano de 2022.

Podemos observar tanto na figura 1 (novo ensino médio) quanto na figura 2 (currículo anterior a reforma) que as disciplinas da área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas possuem em conjunto a menor carga horária entre as disciplinas, tendo a Sociologia apenas uma (01h/a) hora-aula para atividade de ensino-aprendizagem com trabalho presencial docente junto a cada turma o que dificulta de forma quantitativa e qualitativa a abordagem dos diferentes temas que compõem o conteúdo da disciplina escolar.

Com o objetivo de coletar dados para a análise das percepções e conhecimento a priori do tema central da pesquisa por parte do(a)s estudantes foi aplicado um

questionário por meio da plataforma *Google* formulários, que consta nesse texto como apêndice. Através dele foi possível obter 196 respondentes em um corpo discente com 335 estudantes matriculados, número atualizado até 19 de julho de 2022, totalizando 58,50% do público total da instituição.

As primeiras questões trataram da caracterização do público-alvo e da tentativa de observar padrões, onde do total de respostas 51,5% foram de aluno(a)s da primeira série, 26% da segunda série e 23,5% da terceira série. Com relação a faixa etária predominou a idade de 16 anos que representou 30,1% do total seguido pelo(a)s de 15 anos, com 26,5 %, aquele(a)s com 17 anos que contou 25% e 14 anos com 0,5%. O público maior de idade foi responsável por 17,9% das respostas ao questionário. Quando foi pedido que informassem o sexo 73 estudantes (37,2%) responderam homem e 123 mulher (62,8%), na categoria outros não obtivemos nenhuma auto identificação no total das respostas. Por fim, o último aspecto aferido foi a opção religiosa, do total das respostas 92 (46,9%) marcaram a alternativa católico, 72 (36,7%) evangélicos, sem religião ficou com 29 (14,8%) e outros com 3 (1,5%). Foram sugeridas também como possibilidade de resposta a identificação como espírita, candomblecista e umbandista, no entanto nenhum dos respondentes marcou alguma dessas opções.

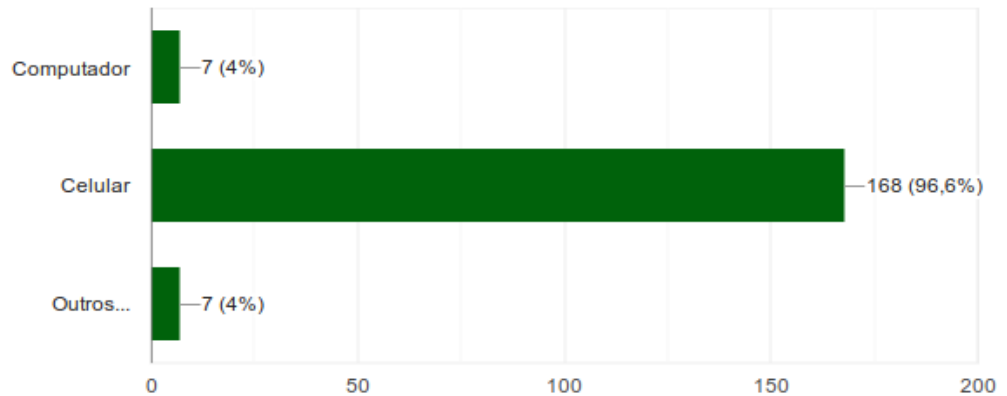
Esses dados formam o quadro inicial da pesquisa complementando as informações descritas inicialmente nesse capítulo, constituindo elementos importantes ao analisarmos as questões que versaram sobre as *fake news* antes de apresentarmos a proposta de material didático a ser aplicado na escola.

O acesso a informações no contexto atual atinge um número significativo de pessoas em ambientes variados, em distintas faixas etárias e em espaços geográficos onde a internet e o celular, com destaque para os *smartphones*, consegue chegar antes mesmo de outros serviços essenciais como redes de abastecimento de água e esgoto e sinal digital de televisão aberta, para ficarmos nesses exemplos apenas. Os indivíduos em idade escolar não fogem a essa realidade, no chão da escola é possível observar o quanto essa ferramenta é parte integrante de suas vidas e como é utilizada para muitas finalidades desde entretenimento a busca por informações. Como podemos observar no gráfico a seguir os estudantes da escola Jaime Tomaz de Aquino representam uma amostra desse perfil de estudante do Ensino Médio, conectado e em rede com predominância para o uso do *smartphone*.

Gráfico 1 – Equipamentos para acesso as redes sociais

7. Que equipamento você utiliza para acessar as redes sociais?

174 respostas



Podemos comparar esse quadro específico local com o cenário nacional, onde segundo a Fundação Getúlio Vargas⁴, no ano de 2021, ao todo 242 milhões de celulares inteligentes (smartphones) em um total de 440 milhões de dispositivos digitais - computador, notebook, tablet e smartphone, em uso no Brasil. Esse levantamento revela ainda que são quatro celulares vendidos para um aparelho de televisão no país. A amostra na escola dialoga com a proporcionalidade a nível nacional, ainda que a tendência dos estudantes na escola pública seja de um menor acesso a equipamentos digitais mais avançados que o *smartphone*.

Com seus aparelhos em mãos esses jovens navegam em suas redes sociais e consomem informações diárias, de forma que esse tipo de ambiente de mídia representa um cenário distinto daquele proporcionado pelos meios técnicos que lhe antecederam, a saber, o impresso, o radiofônico e o televisivo, na medida em que as informações e conteúdos simbólicos assumem diferentes formas em velocidade vertiginosa oferecendo flexibilidade de manuseio e transmissão, o que sem a curadoria e reflexão crítica necessária pode representar um mergulho na desinformação. Na escola laboratório 84,5% dos respondentes buscam informação nas redes sociais e 16,7% não tem essa prática, o que significa que é necessário instrumentalizá-los para esse contato frequente com as notícias que circulam nesse

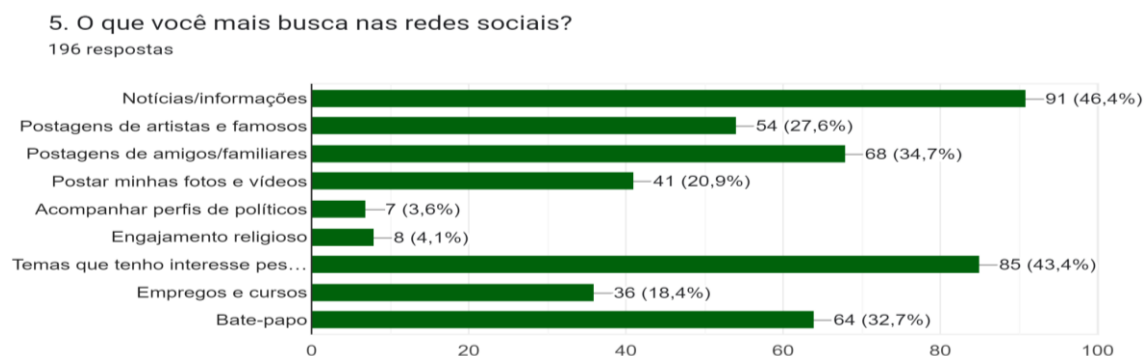
⁴ In: https://portal.fgv.br/noticias/brasil-tem-dois-dispositivos-digitais-habitante-revela-pesquisa-fgv?utm_source=portal-fgv&utm_medium=fgvnoticias&utm_campaign=fgvnoticias-2021-05
25acesso: 25 de agosto de 2021.

ambiente cuja flexibilidade de manuseio apontada anteriormente facilita a produção de *fake news*.

Dessa forma, o *smartphone* como equipamento e as redes sociais como canais de informação se tornaram ou pelo menos rivalizam na comunicação de massas com os seus antecessores tradicionais impressos e áudio visuais (rádio e televisão). Esse é outro fator que nos levou a optar pelas mídias sociais como ponto de intersecção entre o objeto de pesquisa (*fake news*), sua base estrutural e a necessidade de uma educação para as mídias desde e principalmente na escola, tendo a premissa que dominar o manuseio é importante, todavia ser capaz de raciocinar sociologicamente o fenômeno se traduz na possibilidade de tomadas de decisões bem fundamentadas, mesmo que não isentas de coerções e amarras sociais.

Pelo *smartphone*, no rol das mídias sociais existentes, o(a)s estudantes navegam principalmente pelo *Instagram* (54,1%) e pelo *Facebook* (16,8%), apontam ainda os aplicativos *Whatsapp* e *Tik Tok* e a plataforma do *You Tube* englobadas na categoria outros (40,8%) como preferências digitais. A rede social *Twitter* (2%) obteve o menor percentual de respostas, onde 99,5% dos discentes informaram utilizar redes sociais. Nessa comunicação em rede apresentada a priori, as preferências de busca podem se observadas no gráfico a seguir.

Gráfico 2 - Buscas nas redes sociais



Conforme o gráfico 2 as categorias notícias e informações e temas que tenho interesse pessoal são as mais buscadas e acompanhar perfis de políticos e engajamento religioso as de menos interesse. Observamos ainda que a variedade de temas procurados nas redes sociais é diversa e abrange vários aspectos da nossa vida social, ou seja, o digital é parte integrante de nossas vidas, sendo a comunicação uma esfera de destaque nesse arranjo.

Nesse ambiente, os jovens são compelidos a absorver cada vez mais conteúdo sobre vários assuntos direta e indiretamente o que impacta sua formação enquanto sujeito individual e coletivo, ficando expostos a diversos interesses e a todo um ecossistema de desinformações pronto para trazê-los as suas comunidades, mesmo que não seja objetivo do jovem acessar a determinado conteúdo, pois apelando para sentimentos e emoções, como o medo, várias páginas e perfis produzem *fake news* simulando notícias que despertam a atenção com manchetes forjadas como “Reino Unido tem 19 mortes por coágulo de sangue após vacina de Oxford” ou ainda “Cresce número de óbitos por Covid em idosos vacinados com duas doses no RJ”, ambas parte de uma montagem de um perfil bolsonarista no *Instagram* com várias partes de matérias jornalísticas sobre casos isolados.

Nas redes, os jovens podem se conectar a qualquer tipo de informação vindo de qualquer tipo de fonte podendo ter contato e mergulhar em ideias e explicações fáceis e simples sobre vários assuntos, entre eles alguns bastante perigosos como aqueles ligados a pandemia do novo Coronavírus, a prevenção e o tratamento dessa doença, elemento que se tornou central em nossas vidas ao longo dos anos de 2020 a 2022.

Assim, ao passarem mais de três horas conectados por dia, 38,3% dos respondentes, seguidos por 33,7% que informaram ficar entre uma e três horas e 31% que disseram ficar uma hora estão expostos a sites e plataformas cujo teor dos conteúdos pode ser fraudado de diferentes maneiras podendo afetar negativamente algum aspecto da vida do usuário, mesmo que exista um reconhecimento superficial do problema das notícias falsas, como verificado no questionário onde 98,5% do(a)s estudantes afirmaram já ter ouvido falar e 95,4% responderam que sabem o que são as *fake news*, porém quando foi solicitado que dessem um exemplo surgiram respostas como “notícias falsas”, “não sei”, “informações que não são verdadeiras”, “publicações mentirosas”, “notícias falsas ou muitas vezes verdadeiras só que são publicadas de forma que prejudique alguém ou algo”, “um fato que de fato não chegou a acontecer ou existe realmente” e outras respostas que indicam que a maior parte dos respondentes têm uma noção conceitual do objeto, porém não conseguiram exemplificar, totalizando 87,24%, dos quais 1,53% deixou a resposta em branco. Os outros 12,76% citaram um exemplo conforme pedido na questão, surgindo como exemplos “a terra é plana”, “As vacinas não estão surtindo efeito!”, “Que vinagre aumentava a imunidade do Coronavírus.”, “Vitamina C com água e limão cura

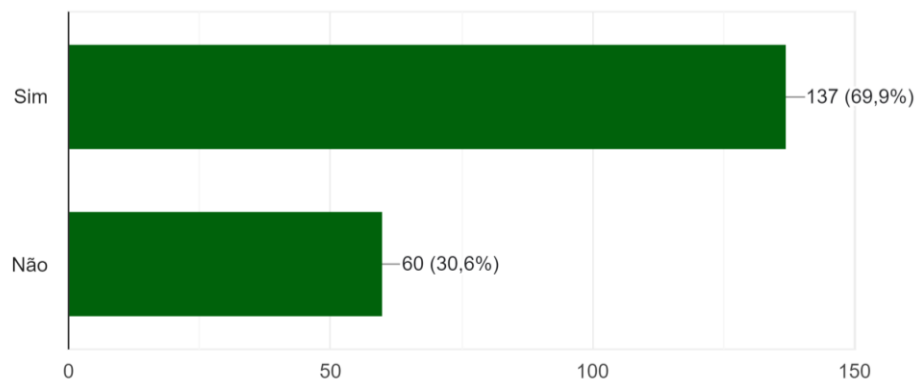
coronavírus”, “O novo coronavírus veio de animais domésticos“, dentre outros. Podemos inferir que esse público possui uma noção do conceito e consegue reconhecer, pelo menos em algumas circunstâncias, as *fake news*.

É notório ainda que, ao serem indagados se confiam nas informações compartilhadas nas redes sociais, 8,7% respondem que sim, 20,4% que não e 74% parcialmente, ou seja, a noção que possuem sobre as *fake news*, seja algo mais elaborado ou bastante superficial, dialoga com a avaliação que fazem sobre as informações que consomem nas mídias sociais, todavia conforme o próximo gráfico esse conhecimento a priori, ou como síntese inicial, não são suficientes para resguardá-los de em determinadas ocasiões acreditarem em notícias falsas.

Gráfico 3 - Notícias falsas nas redes sociais

21. Já acreditou em alguma notícia falsa que viu nas redes sociais?

196 respostas



Sabemos que a falta de uma educação para as mídias pode afetar um grande número de pessoas, seja em idade escolar ou não, desde indivíduos com pouco nível de instrução até, possivelmente, aqueles com uma maior instrução, porém quanto mais cedo enfrentarmos esse tipo de questão contemporânea, maiores poderão ser nossas chances de reduzirmos o impacto delas. Para tanto, a instrumentalização para o seu desnudamento e reconhecimento é o primeiro passo e a seguir, a construção de uma reflexão crítica sobre os interesses em sua produção e circulação deve ser o seguinte, entendendo as *fake news* como consequência e produto de uma determinada conjuntura.

Por fim, algumas informações finais coletadas através do questionário auxiliam na composição do quadro diagnóstico dessa pesquisa, primeiro o dado obtido quando perguntado sobre se o(a) estudante ao compartilhar uma postagem costuma verificar

a origem das notícias compartilhadas e a outra solicitou que fosse citado um exemplo. Nas respostas obtidas, 64,3% responderam sim e 37,8% não, o que de início pode sugerir certo grau de conhecimento sobre o problema, porém quando foi solicitado exemplos apenas quatro respondentes citaram um exemplo, sendo uma menção ao Portal G1 de notícias, vinculado a Grupo Globo de comunicação, outra ao site de buscas Google e mais duas ao Portal R7 que pertence ao Grupo Record.

No tocante a percepção de que as pessoas estão sendo atingidas e ludibriadas pelas notícias falsas nas redes sociais 51,3% dos respondentes informaram que já haviam visto algum amigo, familiar ou conhecido compartilhando *fake news* e 46,9% que não, outro dado que reforça o grau de expansão e ramificação que o problema alcançou.

Quando cruzadas as informações de identificação com as demais respostas aferidas que integraram esse tópico da pesquisa não foi observado agrupamentos de respostas por determinada característica, ou seja, os dados informados pelos respondentes variaram em todos os itens relativos a identificação sem formar padrões.

3 SOCIOLOGIA, REDES DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO – DAS MÍDIAS ÀS *FAKE NEWS*

A sociedade da informação é produto de uma série de inovações tecnológicas e mudanças socioculturais que em conjunto deram início a terceira revolução industrial, conhecida como revolução técnico científica e informacional, pois centra na informação o seu aspecto fundamental. O novo aparato tecnológico possibilitou avanços em várias áreas da vida social, processos de automação e velocidade nas comunicações passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas e empresas, de uma forma cada vez mais abrangente a partir dos anos 1970.

O progresso tecnológico desde então se desenvolveu e continua a se expandir nos dias atuais, trouxe aprimoramentos e melhorias para a sociedade de uma forma geral, por ser global, mesmo que com ritmos diferentes em cada região, pois assim como outros fatores que dependem de condições políticas e financeiras a expansão da tecnologia não foge aos padrões do capital e de suas exigências relacionadas a oferta, a demanda, ao consumo e ao lucro.

Dessa maneira, além das potencialidades que os avanços tecnológicos podem representar, também ocorreu um processo de potencialização de crimes e outros elementos negativos ligados aos avanços tecnológicos, pois:

A informação de fato se democratizou, mas o resultado não foi um caminhar progressivo rumo ao centro e ao consenso. Vivemos justamente o contrário: os polos se fortalecem, os discursos se radicalizam e a própria noção de verdade parece não importar mais tanto assim. Ainda por cima, não falte quem tente lucrar e obter ganhos políticos com a onda de desinformação e credulidade que varre o planeta, insuflando teorias da conspiração, pintando mesmo fatos banais com tinturas pesadamente ideológicas e até, quando necessário, difundindo mentiras a um público mais do que disposto a engolilas. A era da informação pode com igual justiça ser chamada de a era das *fake news*. (PINHEIRO, 2019. p. 87)

Para essa pesquisa, as *fake news* entendidas como um subproduto da era da informação é um desses elementos negativos e que se encontra conectada como parte integrante de um conjunto maior, composto pelas bolhas de informação, algoritmos de programação, as inteligências artificiais (IAS) e o *big data*, todos envolvidos por uma conjuntura de pós-verdade, sendo as *fake news* o elemento factual que funciona como veículo da desinformação na era da informação.

É preciso observar o aspecto histórico das notícias falsas, que nos dias atuais, mudaram de denominação, o meio por onde são veiculadas e o potencial de engajamento e persuasão que os conteúdos falsos geram na sociedade, pois a infraestrutura tecnológica atual dos meios digitais e a constante democratização do acesso à internet permitiram que o volume e a velocidade de propagação das notícias falsas chegassem a um patamar massificado, cuja circulação acelerada promove compartilhamentos sem a devida checagem do corpus compartilhado e, no dado contexto atual de crise sanitária causada pela pandemia, alimenta e é retroalimentada pelos usuários das mídias sociais, potencializando conteúdos que colocaram e colocam em cheque as medidas necessárias para o controle e a minimização dos efeitos da doença, o que acontece também em razão da própria arquitetura das redes e como foi pensada sua formação e difusão que possibilita um amplo acesso público, mas limita seriamente restrições governamentais ou comerciais a esse acesso (Castells, 2020), bem como a velocidade e a quantidade de informações verdadeiras ou falsas que são postadas em um ritmo incessante.

Nesse cenário, se faz necessário conhecer como funciona essa articulação de elementos que representam problemas da comunicação digital na era da informação e para o interesse da pesquisa como a comunicação pelas mídias sociais foi afetada pelas *fake news* quando o assunto foi a pandemia do novo Coronavírus.

3.1 A Sociologia e a comunicação

A comunicação, compreendida como o ato de trocar mensagens, e as mídias como um conjunto de instituições que utilizam tecnologias específicas para comunicar exercem uma grande influência sobre a sociedade, pois temos a necessidade de nos conectarmos uns com os outros, onde cada vez mais a informação se torna centro da organização da vida social.

Em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico. Desde as mais antigas formas de comunicação gestual e de uso da linguagem até os mais recentes desenvolvimentos na tecnologia computacional, a produção, armazenamento e circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais na vida social [...] é importante sublinhar que os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irredutível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem. (THOMPSON, 1998. p. 19)

Ao produzir essas formas simbólicas e fazer a transmissão para indivíduos e grupos é utilizado um meio técnico sendo este o elemento material onde é transmitido da fonte ao receptor o conteúdo, sendo a internet e seus desdobramentos como as mídias sociais o canal privilegiado da comunicação nos dias atuais.

As *fake news* são um fenômeno da comunicação no meio digital que operam mobilizando diferentes categorias e formas do conhecimento. O conteúdo inserido nelas materializa formas que dialogam com aspectos do conhecimento ligados a diferentes sistemas simbólicos, dentre os quais destaco a religião e os sistemas peritos, pois em torno dos dois orbitam grande parte das *fake news* relacionadas a pandemia do novo Coronavírus. Notícias, postagens e compartilhamentos exemplificam tensões entre o saber científico ou perito e o senso comum baseado no relativismo e nas crenças religiosas.

A coisa em questão, esse objeto, se encontra espalhado em uma complexa rede que conecta os indivíduos e instituições públicas e privadas por todo o planeta exercendo embora seja espalhada, ou para utilizar o termo corrente para essa ação, compartilhada por indivíduos ou robôs programados por estes, podendo não ter existência apenas como produto de um desvio de caráter, mas como algo que se liga a um poder externo que coage, mesmo que contando com a anuência do indivíduo.

A partir dessa chave de análise penso ser possível ultrapassar o viés puramente descritivo ao se pesquisar sobre o objeto em questão embasando-se no olhar sociológico, pensando que questões como quem fala? para quem fala? E que conhecimentos e crenças mobiliza ao falar, qual o poder simbólico de determinada fala? Onde foi produzido o dado e de onde veio? Atinge ou dialoga com que habitus? Em síntese, o que pretendem mobilizar os conteúdos em torno da pandemia?

Todas essas questões dialogam com a reprodução dos símbolos, item que dá suporte a exploração comercial da comunicação, ou seja, existe uma forte relação entre o conteúdo simbólico mobilizado no corpo das mensagens/informações e sua intencionalidade política, monetizante e mercantil.

Dos smartphones, que prometem mais liberdade, parte uma coação fatal, a saber, uma coação da comunicação. Com isso se tem uma relação quase obsessiva, compulsória [*zwaghaff*] com o aparato digital. Também aqui a liberdade se inverte em coação. As redes sociais fortalecem enormemente essa pressão de comunicação. Ela resulta, em última instância, da lógica do capital. Mais comunicação significa mais capital. A circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada de capital. (HAN, 2018. p. 65-66)

Foi a partir da década de 1970 que essa capacidade de explorar a informação como mercadoria cresceu em larga escala devido as novas tecnologias da informação e da comunicação, o que aumentou a capacidade dos meios de comunicação em reproduzir as formas simbólicas tornadas cada vez mais uma mercadoria muito rentável.

Assim, foi se desenvolvendo um potencial de massificação ao exemplo de grandes conglomerados industriais cujos produtos inundam as prateleiras de diferentes estabelecimentos ao redor de todo o mundo. No caso das formas simbólicas mobilizadas na produção de conteúdo informacional o fator principal é a capacidade de penetração na vida das pessoas por meio da sua interpretação, que se conecta as formas como os indivíduos veem o mundo.

No mundo digital do século XXI, a era da informação faz cada vez mais justiça a sua denominação, ao atingir bilhões de indivíduos (usuários), expande a remuneração financeira das *big techs* e suas plataformas de mídia através das inovações tecnológicas e na comercialização das formas simbólicas que tornam as notícias atraentes aos receptores por se conectarem a sua maneira de pensar, personalizando produtos e mensagens para captar sua atenção obtendo maior retorno financeiro, independente da qualidade da informação ou mesmo da sua natureza. Em outras palavras:

A recepção dos produtos da mídia deveria ser vista, além disso, como uma atividade de rotina, no sentido de que é uma parte integrante das atividades constitutivas da vida diária. A recepção dos produtos da mídia se sobrepõe e imbrica a outras atividades nas formas mais complexas, e parte da importância que tipos particulares de recepção tem para indivíduos deriva das maneiras com que eles os relacionam a outros aspectos de suas vidas. (THOMPSON, 1998. p. 43)

Assim, ter maior recepção por esse ou aquele produto da mídia tem conexão com a leitura que o indivíduo faz sobre diferentes assuntos, ou seja, se é alguém que não acredita em vacinas o conteúdo ideal para o consumo são aqueles ligados a temática anti vacina, se não acredita em uma pandemia e nos seus efeitos o produto ideal é o que contém notícias e informações que negam o fato. Os algoritmos de programação fazem justamente esse trabalho de capturar os rastros que deixamos na rede e disparam sugestões de páginas e perfis com informações (verdadeiras ou falsas) que tem maior potencial de visualização para o usuário ou grupo específico.

Se pensarmos que esse dado tem escala global, ou seja, determinado conteúdo pode ser disparado e milhares ou milhões de vezes acessado e compartilhado compreendemos que, seja desinformação ou fato, o que importa nessa lógica é a capacidade de engajar mais usuários e com isso gerar mais monetização. Assim, um perfil pode acumular capital tendo a informação como mercadoria, basta que encontre seu nicho e consumidores virtuais interessados naquilo que é postado em sua(s) páginas.

Pensar um conteúdo/notícia na lógica das redes é entender que cada usuário ou grupo de usuários compreende os produtos da mídia de forma diferente. Existem várias estruturas subjetivas que dão suporte a forma como determinado dado será recebido e os transmissores de conteúdo jogam com as formas simbólicas na medida certa para seus interlocutores criando bolhas comunicacionais e comunidades fechadas que só recebem como verdade aquilo que lhe convém.

As organizações da mídia atualmente, existem em um meio digital ainda pouco regulamentado em vários países, a exemplo do Brasil, onde temos uma imprensa tradicional que obedece a legislação existente mesmo que possua tendências políticas a partir do poder econômico que a controla, em outras palavras, está sujeita a punições e penalidades financeiras e criminais se difundir deliberadamente notícias falsas.

Por outro lado, as mídias sociais não possuem uma regulamentação que coíba de maneira satisfatória os abusos quanto a produção e circulação de notícias falsas (*fake news*), o que gera um ambiente turvo onde o mais importante é gerar capital, independente e alheio as necessidades da vida social, mercantilizando as formas simbólicas para potencializar a monetização, utilizando disputas em torno de posições políticas que acirram polarizações em torno de assuntos em destaque como eleições, moral, religião e a pandemia do novo Coronavírus.

Dessa maneira, se trata da utilização de matérias simbólicas globalizadas que se conectam ao que os receptores fazem delas, como as entendem, e como as incorporam em sua rotina e práticas da vida cotidiana, dados que passam pelo filtro dos algoritmos elaborados pela lógica da quantidade por meio da personalização do dado informacional. Ou seja, os indivíduos pertencem a grupos particulares e que trazem seus próprios recursos e pressuposições para os apoiar na atividade de interpretação (THOMPSON, 1998), descartando as informações que interpretam

como mentiras, mesmo que factuais, e tomando como verdade aquelas *fake news* que se conectam com sua leitura da realidade.

No Brasil, temas geradores como os elencados no parágrafo anterior, tem como formas simbólicas no conteúdo compartilhado nas mídias sociais elementos de nacionalismo exagerado, fundamentalismo religioso e neoliberalismo econômico que buscam enfraquecer e solapar o conhecimento científico (perito) e as instituições do Estado democrático de direito.

Porém, não podemos colocar todos os indivíduos que orbitam em torno desses elementos em um mesmo conjunto, pois existem aqueles que absorvem, interpretam e tornam práticas ideias e ações que confrontam a ciência, os peritos e as instituições por adesão e crença e existe o grupo dos que financiam a desinformação com objetivos políticos e/ou econômicos, utilizando o anterior como um exército digital (real) tanto para gerar monetização quanto para ações práticas. Os outros dois componentes importantes nessa equação das *fake news* são os produtores de conteúdo e o meio onde são veiculadas e compartilhadas, o meio digital, em especial as mídias sociais (redes sociais, plataformas e aplicativos de conversa).

Assim, as *fake news* que circularam sobre a pandemia tiveram como veremos adiante uma prevalência por atacar governos e políticas de controle da doença, os dados epidemiológicos e orientações científicas, incentivando a descrença nas autoridades (científicas e políticas) promotoras dessas ações. Em outras palavras promoveram tentativas de deslegitimação das instituições e do saber institucional promovendo conteúdos conspiracionistas e fraudados. Para Berger e Luckmann:

A legitimação “explica” a ordem institucional outorgando validade cognoscitiva a seus significados objetivados. A legitimação justifica a ordem institucional dando dignidade normativa a seus imperativos práticos. É importante compreender que a legitimação tem um elemento cognoscitivo assim como um elemento normativo. Em outras palavras, a legitimação não é apenas uma questão de “valores”. Sempre implica também “conhecimento” [...] É preciso primeiro haver “conhecimento” dos papéis que definem tanto as ações “certas” quanto as “erradas”, no interior da estrutura. (BERGER; LUCKMANN, 2014. p. 124)

Em outras palavras, indivíduos e grupos, produtores ou consumidores dos conteúdos mencionados anteriormente colocam seu foco no viés de confirmação das suas opiniões (valores) e tentam deslegitimar o conhecimento de bases científicas que norteiam as instituições do Estado democrático de direito, no caso da pandemia, a sua própria existência e força e as tentativas de conter a propagação do vírus, fossem

as vacinas ou as medidas de isolamento e proteção, mesmo sendo explicado e justificado por que as coisas são o que são, ou seja, mesmo havendo por parte das instituições o esforço em deixar inteligível que o conhecimento (científico) deve preceder os valores quando a balança envolver temas cujos peritos legitimam determinada informação ou saber.

No caso das *fake news*, é um dado notório que temas sensíveis aos valores dos indivíduos são aqueles que geram mais debates e disputas de narrativas, a validade do conhecimento sendo medida pelos discursos que confirmam a verdade de cada um. No caso brasileiro, além da pandemia encontramos um cenário social polarizado politicamente, centrado na (des) confiança institucional e nas tentativas de estabelecimento da desordem e do caos, ambiente perigoso a legitimação da ordem social e onde o tema pandemia também foi utilizado para promover tentativas de terror anômico, onde o presidente da república a época era o principal agente promotor de mentiras cuja voz ecoava pelas suas milícias digitais até o grosso do seu público.

Para Berger e Luckmann (2014), as sociedades são construídas em face ao caos e constituem realidades sociais precárias onde “a constante possibilidade de terror anômico torna-se atual sempre que as legitimações que obscurecem esta precariedade são ameaçadas ou entram em colapso.” (BERGER; LUCKMANN, 2014.p. 136). Em outras palavras, o conhecimento perito acumulado das instituições e a forma como este interage e é reconhecido pela sociedade como legítimo constituem o pilar básico de sustentação da nossa vida social, quando ele é constantemente atacado por indivíduos e grupos com capacidade tecnológica e financeira que patrocinam ou são patrocinados a anomia começa a ser vislumbrada de forma ameaçadora.

As *fake news* não causam a anomia, mas são um instrumento de fortalecimento do estado de desconfiança e deslegitimação que caminham ao “terror anômico”. O meio digital serve como propagador em massa (larga escala) da desinformação que arregimenta e alimenta o caos, que faz vilipendiar o respeito a ordem social. “O respeito é o alicerce da vida pública. Onde ele desaparece, ela desmorona. A decadência da esfera pública e a crescente ausência de respeito se condicionam reciprocamente.” (HAN, 2018. p. 12)

Esse ambiente digital ainda amplamente desregulamentado, sob uma fina capa de liberdade de expressão, mantém e faz crescer a desmediatização comunicacional, o que também é levado as demais esferas da vida pública, como no caso da saúde, a

exemplo da pandemia. “Hoje, todos querem estar eles mesmos diretamente presentes e apresentar a sua opinião sem intermediários. A representação recua frente à presença ou à copresença.” (Ibid., p. 37). Isso significa que o contexto de validade dos saberes tem sua aplicação tumultuada, ou seja, o que deveria ser tomado como norma a ser seguida (vacinação) se torna banalizada ao nível de um palpite opinativo qualquer e uma opinião sem qualquer fundamentação científica (máscaras diminuem o oxigênio no organismo), se torna uma verdade irrefutável.

No estudo do objeto em questão, a sociologia em diálogo com a comunicação pode apresentar sínteses que contribuirão para esclarecer e formar pesquisas mais complexas sobre o problema, e, nessa perspectiva apresentamos nas linhas seguintes desse capítulo uma tentativa de análise conceitual das *fake news* e dos problemas da comunicação digital cuja necessidade de entendimento caminham de forma conjunta na explicação do estado de coisas que formam a comunicação da era da informação e dos conteúdos veiculados que se enquadram nessa categoria de *fake news* relacionados a pandemia do novo Coronavírus.

3.2 Fake news: Um conceito polissêmico

As notícias falsas estão entre um dos fenômenos sociais de vida mais longa na trajetória da história humana, porém na segunda década do século XXI, para o contexto brasileiro, elas tem sido foco de atenção de muitos sujeitos e grupos, sendo elas próprias objeto de notícia nos grandes veículos de comunicação tradicional e digital, alvo de tentativas de regulamentação estatal e ponto sintomático no campo das tecnologias da informação e da comunicação em nosso cotidiano, especialmente no ambiente das redes sociais, onde são mobilizadas e veiculadas para diversas finalidades. Quando pensamos em um contexto global e em uma conjuntura de mudanças no nível estrutural temos que:

A ascensão dessa indústria traiçoeira coincidiu com a metamorfose maciça da paisagem midiática e com a revolução digital. Na primeira década do século, a disponibilidade ao alcance de banda larga de alta velocidade transformou a internet no meio mais barato e mais rápido de publicação já inventado em algo que teria um impacto cultural, comportamental e filosófico mais profundo. (D'ANCONA, 2018. p.50)

Contar mentiras e tentar enganar leitores e ouvintes é um expediente já bastante antigo desde os mais tenros registros da nossa história, boatos e fofocas

foram capazes de persuadir desde pessoas comuns até líderes políticos, já limpam terreno para ditaduras engolirem jovens democracias e arruinaram imagens e reputações de figuras públicas.

Sem escapar de um legado histórico que conecta invenções (novas tecnologias) a fatores tanto positivos quanto negativos, a internet e seus derivados também refletem o próprio espírito da humanidade, ou seja, “junto com seus muitos méritos, também permitiu e acentuou o pior dos instintos do gênero humano.” (D’ANCONA, 2018. p.50). Em outras palavras, a amplitude do alcance em termos de distância e quantidade foi expandida através do meio digital que propiciou a produção, armazenamento e divulgação de informações em tempo real e global, em caráter instantâneo, tanto para avisar sobre importantes descobertas científicas ou promover campanhas solidárias quanto para atacar instituições, governos e tecnologias como as vacinas entre outras coisas.

O apelo as emoções negativas são segundo Da Empoli (2020) o que mais engajam, residiria aí o sucesso das *fake news* e teorias da conspiração, pois a (des) informação fabricada encontra no viés de confirmação do indivíduo a sua conexão e, como são construídas com o auxílio de grandes bancos de dados e programas de computação (algoritmos) que mapeiam posicionamentos, ideias e gostos do usuários, possuem uma roupagem feita sob medida para os grupos que as recebem em suas redes sociais, mesmo se tratando flagrantemente de dados fraudados e manipulados.

As novas tecnologias desenvolvidas possibilitaram que as notícias e informações fossem transmitidas de forma mais veloz, além de ampliar a interação dos indivíduos por todo o planeta. A Era da Informação é a estrutura por onde o novo começa a ser explicado na medida em que foi a revolução técnico-científica e informacional que proporcionou novas bases para o desenvolvimento global, baseado em novas tecnologias da informação e comunicação como extensas redes de cabo de fibra óptica submarinos, expansão de satélites na órbita terrestre, computadores com alta capacidade de processamento, criação e expansão da internet e de produtos eletrônicos.

Esses novos meios, com sua velocidade e amplitude, fazem com que as mentiras divulgadas nas diferentes mídias sociais, que são elas próprias desdobramentos das tecnologias da informação e comunicação citadas no parágrafo anterior, atingirem de forma rápida e intensa quem utiliza qualquer plataforma de mídia social. Além do aspecto estrutural, é preciso ser destacado que a capacidade de

informar extrapolou as redações da imprensa tradicional devido a essas tecnologias fazendo com que cada usuário se tornasse um produtor potencial de conteúdo, com pouca ou nenhuma regulamentação ou necessidade de ética e prática profissional em comunicação e jornalismo. De acordo com Lucia Santaella:

O que difere agora é o modo como as notícias são produzidas, disseminadas e interpretadas. Tradicionalmente, na era hegemônica da comunicação de massas, as notícias eram fabricadas em formas restritas, relativamente confiáveis na medida em que deveriam seguir práticas baseadas em códigos estritos de deontologia, ou seja, o conjunto de deveres, princípios e normas adotadas por um determinado grupo profissional, nesse caso, a profissão de jornalista. A partir da emergência da internet, da cultura digital e das redes sociais, surgiram novos modos de publicar, compartilhar e consumir informação e notícias que são pouco submetidos a regulações ou padrões editoriais. (SANTAELLA, 2019. p. 30)

Assim, de qualquer lugar do mundo onde se tenha sinal de internet podemos fazer isso no instante em que desejarmos por meio de diferentes plataformas de mídia social, pelo *You Tube*, *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter* apenas para citar as mais conhecidas no Brasil. E, assim, quando alguém com uma conta no *Twitter* pode reivindicar ser uma fonte de notícias, fica infinitamente mais difícil distinguir entre fato e mentira. “Todos e ninguém são especialistas”. (D’ANCONA, 2018. p. 59)

O usuário, as redes e as (des) informações fazem parte de um sistema de tráfego de dados baseado em cliques, curtidas e compartilhamentos onde as notícias verdadeiras ou falsas ganham maior visibilidade e engajamento a medida que as páginas virtuais onde estão hospedadas recebem seus cliques. A questão é, que para recebê-los seus desenvolvedores apelam quando se trata de *fake news* a qualquer tipo de chamada que possa se conectar a fatores emocionais de determinadas comunidades ou usuários muitas vezes com doses elevadas de sensacionalismo. Mas uma vez aqui devemos pontuar que assim como notícias falsas e boatos já possuem longa data em nossa história o apelo a emoção e o sensacionalismo também já tinham seu lugar antes da internet, porém “o desenvolvimento da rede levou isso ao extremo, com a adição agora da dificuldade de se diferenciar o trágico factual do trágico fantasiado.” (SANTAELLA, 2019. p. 32)

Em outras palavras, perceber o que é notícia e o que é simulacro de notícia, se tornou mais difícil, pois a sofisticação usada para ludibriar ou para justificar determinado ponto de vista transformou a fronteira que as separa em caminhos tortuosos que podem se cruzar em algumas curvas, embora não constituam a mesma estrada.

Tendo ciência da estrutura do campo onde se materializam as fake news e de sua historicidade precisamos conceituar esse objeto para mais tarde analisar com mais clareza como ele integra a linguagem digital por onde discursos são veiculados materializando diferentes concepções, ideias e crenças. Assim,

Nos últimos tempos, reservou-se (e, com isso, popularizou-se) o termo *fake news* para designar os relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que são disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos que eles poderiam produzir. A expressão se refere, principalmente, aos relatos inventados ou alterados e difundidos com propósitos políticos. (GOMES; DOURADO, 2019.p.35)

As *fake news* constituem narrativas que estão embebidas no político mesmo que tratem de outros assuntos e temas o foco é sempre a disputa política, parece ser essa a sua natureza. Para essa batalha, seus produtores alteram a narrativa factual, adulterando completamente ou em parte o fato informado, manipulam ao ponto de criarem verdades alternativas relativizando um fato da ordem da realidade objetiva mesmo que a linguagem utilizada para isso seja coerente e consistente. Sua função é parecer real, enganar ou ainda dialogar e reforçar subjetividades por meio do discurso que as constitui.

O jornalista e escritor Eugênio Bucci, por sua vez, destaca o mimetismo comunicacional das *fake news* nos dizendo também que:

Nas fake news, a primeira fraude se refere à natureza daquele relato. Antes de dizer uma verdade ou uma mentira, as fake news falsificam sua condição: apresentam-se como enunciados produzidos por uma redação profissional, mas não são isso. As fake news simulam uma linguagem jornalística, às vezes adotam o jargão e os cacoetes de uma reportagem profissional em vídeo, áudio ou texto, mas são outra coisa. Elas se fazem passar por jornalismo sem ser jornalismo. São news falsificadas, mais ou menos como existem as notas de dólar falsificadas. A sua origem é desconhecida. Impossível encontrar o autor. Impossível ter com quem reclamar sobre seu conteúdo. (BUCCI, 2019. p. 38)

Então, no contexto atual, as mentiras que fazem parte do campo da comunicação não são as mesmas que antes, constituem uma nova modalidade de mentira e apresentam características que marcam fortemente seu conteúdo. O mesmo autor pontua como suas características a falsificação do relato jornalístico, a origem remota e inacessível, a autoria quase sempre forjada, a busca por enganar o leitor e a dependência da existência das tecnologias digitais da internet. (BUCCI, 2019)

As *fake news* para os autores citados anteriormente possui uma finalidade maior que é a de enganar quem ler, ouve ou ver com propósito de intervir intencionalmente em um campo de disputas. Para Joel Pinheiro, elas não são apenas um erro jornalístico, possuem a intenção de enganar, e enganar para um lado específico. *Fake news* são a mentira intencional a serviço de alguma causa escusa. (PINHEIRO, 2019 p.88)

Quando esses autores dizem que as notícias falsas buscam pender para um dado lado do campo, se referem ao aspecto político dos discursos em conflito. Mesmo ao abordar temáticas da economia ou saúde por exemplo, o fazem para combater politicamente determinado oponente.

Em um artigo publicado na revista Science temos ainda a seguinte definição de *fake news*:

[...] a informação fabricada que emula o conteúdo noticioso na forma, mas não no processo ou no propósito organizacional. Veículos de notícias falsas carecem das normas e processos editoriais para garantir a precisão e a credibilidade da informação. Notícias falsas sobrepõe-se assim, a outros desarranjos da informação, como a desinformação, seja no sentido da informação simplesmente equivocada (misinformation), como no sentido da informação equivocada que é difundida propositalmente com a intenção de enganar (desinformation) (SCIENCE, 2018. p. 2)

Por fim, nesse exercício de conceituar e caracterizar as *fake news* outros autores que escreveram sobre o fenômeno como (Ribeiro e Ortellado, 2018, p.73) compreendem que analisando o funcionamento dos sites que produzem as *fake news* “o que melhor os define não é publicar notícias falsas – o que só acontece ocasionalmente – mas produzir informação de combate na forma de matérias noticiosas, o que caracterizaria uma forma de mídia digital hiper-partidária.” Seu objetivo maior seria fornecer material para não somente reforçar um determinado discurso como também municiar os sujeitos que os materializam, sendo a falsificação ou enganação algo secundário.

Após trilharmos um percurso que nos levou a conhecer as conceituações mais importantes do objeto *fake news*, como também suas principais características passaremos agora para o conteúdo desse tipo de notícia falsa e a finalidade a que cada corpus noticioso atende e engendra.

É sabido que a depender do conceito adotado para o fenômeno o teor do conteúdo apresenta variações. Então, compreendendo as *fake news* como notícias falsas (fraudes) produzidas com a intenção de enganar, manipular ou ainda alimentar determinada convicção, crença ou ideologia cuja base está alicerçada no meio digital

que é a base material da era da informação e uma conjuntura também específica, a da condição de modernidade líquida onde se formou um ecossistema⁵ da desinformação que entendo como algo marcadamente específico.

Ou seja, nem tudo que é falso e está na internet é *fake news*, bem como o fenômeno não é característico no ambiente das mídias de massa tradicionais⁶, embora possam ser replicadas por elas, para tanto penso que deva atender aos limites da conceituação acima.

Dessa forma, o conteúdo das *fake news* se relaciona ao seu conceito, sendo esse um fator importante para delimitar o que é e o que não é, portanto conforme a conceituação o conteúdo pode variar. Assim, Lúcia Santaella, em seu livro *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* traz alguns tipos de conteúdo das notícias falsas muito pertinentes a essa discussão.

(a) sátira ou paródia que, embora não tenha intenção de causar mal, tem potencial para enganar; (b) conteúdo enganoso utilizado contra um assunto ou pessoa; (c) falso contexto quando um conteúdo genuíno é inserido em um contexto falso; (d) conteúdo impostor quando é colocado na boca de fontes pessoais ou coletivas informações que não são suas; (e) conteúdo manipulado em que uma informação verdadeira é manipulada para enganar o público; (f) conteúdo fabricado inteiramente falso construído com o intuito de desinformar e causar dano. (SANTAELLA, 2019. p. 36)

Temos muitos conteúdos que podem fazer parte do corpus das *fake news*, mas que também podem constituir outra modalidade de falsificação, porém seu escopo consiste em sites que mimetizam páginas de veículos de informação da imprensa, ou seja, possuir lide, manchete, aspas com entrevistados entre outros, copiando assim os elementos que dão credibilidade à informação, estarem inseridos nas mídias digitais e terem por objetivo além de enganar e fraudar se conectar enquanto discurso a nichos específicos de usuários da rede, monetizando cliques ao sabor do viés de confirmação cuja chave é capaz de mobilizar e engajar habitus distintos entranhados nos indivíduos, que os inclinam a apoiar ou combater essa ou aquela instituição, esse ou aquele discurso e por consequência esse ou aquele ator social.

⁵ Segundo Ortellado e Ribeiro podemos definir um ecossistema como uma rede formada por páginas e websites relacionados entre si.

⁶ Mídias tradicionais de massa são aqui entendidas como veículos de informação onde a relação do sujeito que recebe a notícia com quem a produz e emite se dá de forma vertical, de cima (emissor) para baixo (receptor) numa relação de poder hierarquizada com pouca ou nenhuma aproximação do usuário com o processo de produção da informação que é completamente mediatizada. Como exemplo podemos citar o rádio e a televisão.

As inovações tecnológicas da era da informação possibilitaram um movimento de disrupção que se estende ao longo das últimas décadas e o campo midiático é um dos que mais fortemente sentiram o impacto desse movimento, com destaque para as mídias sociais. O expediente das *fake news*, podemos dizer, é a ponta do *iceberg*, a materialização do imaginário social de determinados grupos ou para determinados grupos viverem suas “verdades alternativas” a margem do conhecimento científico.

Nesse cenário “o melhor contra-ataque é dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar.” (SINGER, 2019. p. 106 apud BARBOSA) É preciso compreender as regras do meio digital para melhorar as estratégias de enfrentamento do problema. Assim, o combate deve ser efetivo em várias frentes, com regulamentação junto as empresas de tecnologia e governos, incentivo a veículos de checagem de fatos, campanhas em veículos de comunicação e principalmente ensinar sobre *fake news* na escola, falar de forma contínua e segura intelectualmente sobre esse fenômeno social e propor ferramentas teórico metodológicas que se revelem factíveis e apropriadas para que o ensino e a aprendizagem ocorram em um processo mais geral de educação para as mídias. Compreender que:

A comunicação no mundo das redes é inclusiva. Gera empoderamento. É horizontal, orgânica. Nela o que vale é fundamentalmente o engajamento que a informação provoca, o grau de ativismo que desperta nas pessoas comuns, a disposição de retransmiti-la para amigos e familiares em grupos de *Whatsapp* e perfis de internet. (MOURA; CORBELLINI, 2019. p.162)

Ou seja, os problemas da comunicação digital não se esgotam nas notícias falsas, elas fazem parte de um conjunto maior e por essa razão passaremos agora a discutir sobre pós verdade, bolhas de informação, algoritmos e outros pormenores que formam o quadro geral das mídias e da comunicação na era da informação.

3.3 As *fake news* no contexto da pandemia

As *fake news* possuem uma capacidade de gerar caos informacional em inúmeros contextos da vida social, no caso da pandemia do Covid 19, foram largamente utilizadas por quem buscava desorganizar as tentativas de prevenir e combater a doença. Por razões políticas e/ou financeiras (monetizantes) ou ainda, por ignorância, crença ou viés ideológico criar e compartilhar desinformação sobre o tema constituiu mais um problema a ser compreendido e combatido no contexto da pandemia. Vejamos o fragmento de notícia a seguir:

“O uso crescente de reforços é imoral, desigual e injusto e tem que parar. Começar reforços agora é realmente o pior que podemos fazer como comunidade global.”

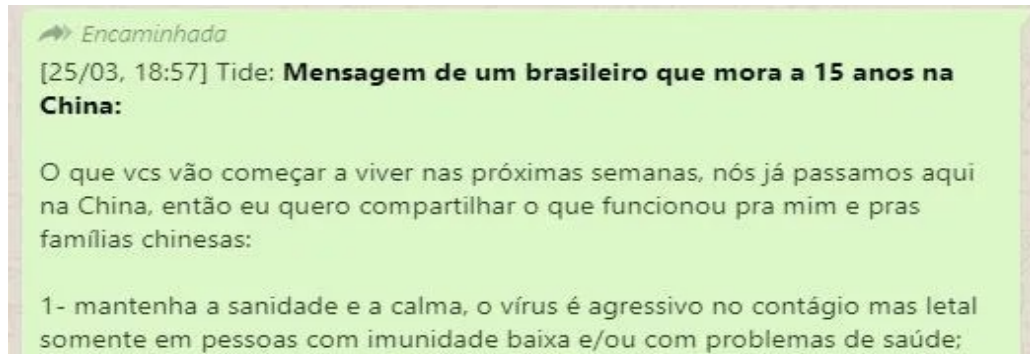
As palavras acima são de Tedros Adhanom, diretor geral da OMS, e apesar de realmente terem sido proferidas pelo mesmo foram tiradas do contexto original. Postada dessa forma, em uma página do *Instagram* tentou impulsionar a retórica anti vacina e negacionista que circula na internet sobre a pandemia e as medidas de enfrentamento da Covid 19. No discurso original, existe um complemento que faz referência a distribuição das vacinas em países pobres e no continente europeu e esse seria o teor da crítica do diretor da OMS.

Esse exemplo de *fake news* é uma pequena amostra de como a desinformação pode operar no espaço das mídias sociais através da descontextualização de informações verdadeiras, que fora do seu contexto original são utilizadas de forma a fraudar notícias, portanto a lesar usuários descuidados, apressados ou que não tem familiaridade com a realidade dos elementos do meio digital como também municiar grupos e indivíduos que intencionalmente ou não atacam profissionais e instituições para deslegitimar o saber científico e/ou perito que ambos possuem e representam.

Vivemos em um mundo no qual a desconfiança e desinformação estão criando um ambiente perfeito para a proliferação de *Fake news* (Notícias Falsas – Nfs), motivada por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações. Quando a confusão e a falta de confiança nas fontes se instalam, as portas ficam abertas para que a desinformação tome o comando. Todas as espécies de conteúdos duvidosos e mesmo perigosos se propagam longe do controle das formas de escrutínio tradicionais. (SANTAELLA, 2019.p. 33)

Assim, quanto menos mediação profissional (perita) é empregada na ação de informar quanto mais ela pode significar uma (des) informação. A dúvida e o perigo podem pairar sobre qualquer área da vida em sociedade quando o noticiar está desconectado a essas formas de escrutínio tradicional, como a imprensa profissional, quando se trata desse processo de curadoria. Esse contato não mediado e chancelado atinge não somente a comunicação e os comunicadores especializados em suas áreas, também afeta por interesses que buscam manipular atitudes e opiniões, vários outros campos como a saúde pública, por exemplo. A circulação dessa desinformação (*fake news*) foi expressiva e utilizou canais diversos quando o tema foi a pandemia. Vejamos a figura seguir:

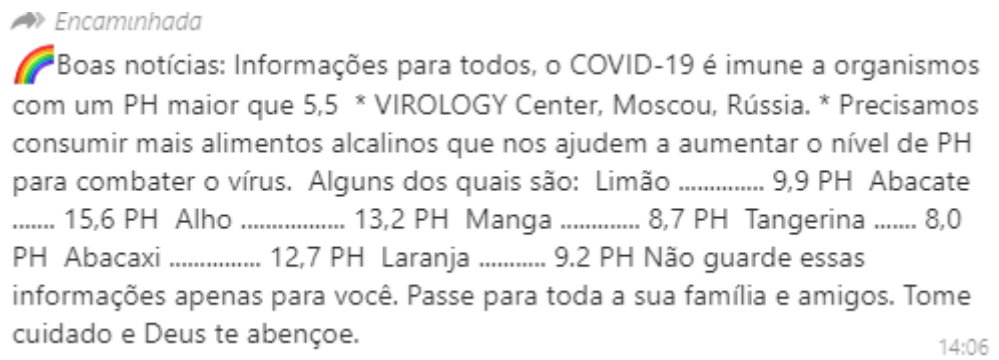
Figura 3 - Contágio do vírus



Fonte: <https://www.nujocchecagem.com.br/falso-coronavirus-nao-e-letal-somente-em-pessoas-com-imunidade-baixa-e-ou-com-problemas-de-saude/>

Essa mensagem de *whatsapp* informa de maneira enganosa o potencial de contágio do Covid 19, indo no sentido oposto as orientações das autoridades sanitárias e científicas o que poderia incentivar condutas perigosas por parte de quem acreditasse no seu conteúdo, contribuindo para enfraquecer as medidas de proteção individual e coletiva. A figura seguinte também mostra uma *fake news* relacionada a prevenção, onde a mensagem sugere que certos tipos de alimentos ajudam a combater o vírus da Covid 19 e ainda utiliza de forma fraudulenta o nome de uma instituição, o Centro de Virologia de Moscou, da Rússia.

Figura 4 – Prevenção via alimentos



Fonte: <https://www.nujocchecagem.com.br/alimentos-com-ph-alto-nao-combatem-coronavirus/>

As *fake news* que circularam e ainda circulam sobre a pandemia foram veiculadas por diferentes canais e formatos, as mídias sociais como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *You Tube* e *Tik Tok*, bem como aplicativos de conversa como o *Telegram* ou o *Whatsapp* que permitiam ou permitem o disparo em massa de uma de mensagens cujos conteúdos foram forjados dentro do próprio aplicativo ou direcionava

por meio de link a uma plataforma ou sítio eletrônico que hospedava o material enganador.

As *fake news* são prejudiciais sob quaisquer circunstâncias, porém quando se trata de saúde pública podem contribuir significativamente com o agravamento da situação, pois dado o medo que toma conta de muitas pessoas, o interesse de outras em tirar proveitos diferentes da situação e o desconhecimento generalizado sob as perspectivas de uma educação para as mídias pode acarretar em tomadas de decisão com sérias consequências para a prevenção e o combate de diferentes enfermidades, em questão a Covid 19.

Em levantamento realizado no Portal G1 de notícias vinculado ao Grupo Globo de comunicação e no endereço eletrônico do Ministério da Saúde, este último com recorte apenas em 2020 constatou-se que as *fake news* circularam por essas plataformas da seguinte forma, 17,17% se concentraram no *whatsapp* e 10,33% no *Facebook*, todas as outras citadas pontuaram percentualmente, porém 66,52% circularam de forma generalizada entre as redes e os aplicativos não sendo possível distinguir sua origem.

Quando foram observadas as categorias nas quais se enquadravam essas *fake news* o destaque ficou para epidemiologia e estatísticas que representou 32,75% das 687 informações falsas apuradas pelos portais, seguida por vacinação e vacinas com 22,56% e política (governo, autoridades, profissionais da mídia e personalidades) com 21,97% desse total. Porém foram verificadas *fake news* relacionadas também a terapêutica e cura (11,35 %), economia (3,34%), surgimento do vírus (2,91 %), auxílios (2,47%), prognóstico da doença (1,60%) e sintomatologia (1,01%).

São variados os canais de divulgação e os assuntos também são diversos, tanto quando abordaram a pandemia como pano de fundo como qualquer outra temática que gere cliques e engajamento, porém também são múltiplos os formatos que constituem o corpo digital dessas *fake news*. Os formatos são distintos e se complementam, não são estáticos, ou seja, a mesma *fake news* pode ser veiculada como mensagem texto, imagem ou vídeo, ou ainda ser composta por esses três tipos de uma só vez. Obviamente, seu corpo não se esgota nesses exemplos anteriores, pois podem possuir outras formas.

No mesmo levantamento onde foi quantificado canais de divulgação e categorias das *fake news* sobre a pandemia do novo Coronavírus também foi observado esses formatos. Mensagem, texto, cartazes ou tabelas (postados em redes

sociais ou veiculados via aplicativos de conversas) atingiram 46,87% da amostra pesquisada, os vídeos 26,92%, as imagens 23,58%, áudio 1,45% e links 1,16%. Esses percentuais foram assim organizados levando em consideração onde estava situada a fake news, sua desinformação em si, por que como mencionado anteriormente o conteúdo pode vir via mensagem, mas o corpo da notícia falsa pode está acompanhado de um vídeo ou imagem, sejam estes verdadeiros, falsos ou distorcidos para passar o conteúdo e o discurso que se quer. Vejamos a figura abaixo:

Figura 5 – Vacinas e óbitos



Fonte: <https://www.nujocchecagem.com.br/brasil-registra-alto-indice-de-obitos-de-vacinados-contr-a-covid-19/>

A publicação acima combina uma imagem real de um ambiente hospitalar com um cartaz do SUS com uma mensagem em destaque, simulando uma manchete que tenta gerar desconfiança no efeito imunizador das vacinas. Note ainda que o perfil é denominado de “O Desesquerdizador”, o que deixa explícito seu posicionamento e no comentário da própria página vemos também um elemento conspiratório ligado a uma suposta subnotificação de reações adversas e mortes suspeitas que teriam como causa as vacinas.

Segundo Bucci (2019), no caso das *fake news* a primeira fraude se refere justamente à natureza do próprio relato, pois sua condição é falsificada, ou seja, simulam e assumem a aparência de uma notícia produzida por um aparato jornalístico profissional, como podemos observar na imagem anterior e na seguinte cujo *layout*, manchete e os demais elementos visuais sugerem se tratar de uma notícia apurada por profissionais.

Figura 6 – Cobaias humanas



Fonte: <https://www.nujocchecagem.com.br/1519-2/>

Dessa forma, de qualquer lugar do mundo onde se tenha sinal de internet podemos fazer isso no instante em que desejarmos por meio de diferentes plataformas de mídia social, pelo *You Tube*, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* apenas para citar as mais conhecidas no Brasil. E, assim, quando alguém com uma conta no *Twitter* pode reivindicar ser uma fonte de notícias, fica infinitamente mais difícil distinguir entre fato e mentira.

Perceber o que é notícia e o que é simulacro de notícia, se tornou mais difícil, pois a sofisticação usada para ludibriar ou para justificar determinado ponto de vista transformou a fronteira que as separa em caminhos tortuosos que podem se cruzar em algumas curvas, embora não constituam a mesma estrada, pois as *fake news* constituem narrativas que estão embebidas no político mesmo que tratem de outros assuntos e temas o foco é sempre a disputa política, parecendo ser essa a sua natureza. Para essa batalha, seus produtores alteram a narrativa factual, adulterando completamente ou em parte o fato informado, manipulam ao ponto de criarem verdades alternativas relativizando um fato da ordem da realidade objetiva mesmo que a linguagem utilizada para isso seja coerente e consistente. Sua função é parecer real, enganar ou ainda dialogar e reforçar subjetividades por meio do discurso que as constitui.

Ao analisarmos as postagens vemos a tentativa de subverter o saber autorizado de instituições e peritos, numa ação que busca enfraquecer o papel científico, acadêmico ou profissional na mediação do sujeito comum com o mundo das coisas. Em outras palavras, determinados atores disseminam nas mídias sociais desinformações com o objetivo de conseguir cada vez mais seguidores tomando para si o discurso autorizado, dialogando com ideias e crenças a partir de uma produção simbólica nessas redes de conexão das novas tecnologias da informação e comunicação (TDICs), onde cada postagem carrega consigo um discurso que mobiliza, inflama e tenta se conectar ao receptor da mensagem pelo viés de confirmação e pelo emocional, deixando de lado ou tentando manipular a razão.

Nesse cenário perigoso, onde os subprodutos de uma era (*fake news* e os demais problemas da comunicação digital) são consequências e possuem certa capacidade de influenciar comportamentos e ações é necessário pensar e executar estratégias de prevenção e enfrentamento aos maus usos das novas tecnologias da informação e comunicação, buscar esclarecer os discursos que fomentam esse número absurdo de *fake news*.

3.4 A situação de pós-verdade e as *fake news*

Estudar as *fake news* significa analisar um fato e fatos estão ligados a determinadas conjunturas, para o elemento factual das notícias falsas analisar a conjuntura significa compreender também a situação de pós-verdade.

Esse fenômeno cujo conceito não é tão novo, já havia sido utilizado no início dos anos 1990 na revista *The Nation*, porém foi em 2016 que o dicionário *Oxford* a escolheu como palavra do ano cujo verbete contém a seguinte informação: “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”.

Tomada nessa definição podemos compreender que não se trata apenas de contar ou acreditar em mentiras, a essência do problema é mais profunda, o conteúdo do discurso procura reforçar as crenças e determinado tipo de conhecimento, conta-se uma inverdade que assume a identidade de verdade alternativa enquanto chave

que abre as portas do *habitus*⁷ de grupos e indivíduos onde o viés de confirmação tem um amplo espectro de (des) informações em um campo repleto de elementos formadores de opinião, onde a verdade perdeu relevância. Para Ralph Keyes:

Mesmo embora sempre tenha havido mentirosos, as mentiras têm geralmente sido contadas com hesitação, uma pitada de ansiedade, um bocado de culpa, um pouco de vergonha, e, pelo menos alguma timidez. Agora, pessoas inteligentes que somos, apresentamos razões para manipular a verdade, de modo que possamos dissimular sem culpa. Eu chamo isso de pós-verdade. (KEYES, 2018. p. 20)

Esse estado de pós-verdade, que compreendo como um fator conjuntural, se desenvolveu a partir da consolidação da sociedade em rede, ou seja, trata-se de um fenômeno cultural cuja singularidade está posta sobre a estrutura tecnológica flexível da sociedade atual que vive no tempo da modernidade líquida, onde a verdade factual perdeu espaço para narrativas alternativas, “onde essa verdade que governa as escolhas das mulheres e dos homens desta terra nova é sensível, emocional, impalpável, intangível, pessoal, subjetiva e temporária.”(GENESINI, 2018. p. 58)

Dois fatores serviram como catalisadores do estado de pós-verdade, um ligado a base estrutural tecnológica da sociedade em rede e o outro a modernidade líquida, a crise de confiança para ser mais específico. O primeiro foi a descentralização da informação e o outro a descrença ou ceticismo em relação as instituições.

Existe uma infinidade de sites, plataformas e aplicativos que permitem a qualquer usuário que detenha o conhecimento sobre sua manipulação criar e compartilhar em rede uma enorme quantidade de informações, de qualidade ou não, e, em um espaço muito curto de tempo atingir conforme sua rede de contatos, monetizada ou não, até milhões de outros usuários, porém o conteúdo compartilhado

⁷ O conceito de habitus é uma tentativa original de encontrar resposta para essa questão. Embora tenha longa tradição, as apropriações e debates contemporâneos sobre o termo têm grandes referências nas reflexões desenvolvidas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu(1930-2002). Esse conceito, a partir da perspectiva bourdieusiana, é uma tentativa de relacionar nossas ações individuais com os condicionamentos que recebemos da sociedade. Bourdieu afirmava que com o *habitus* queria chamar atenção às capacidades que temos para agir em sociedade. Essas capacidades não seriam produtos da “natureza humana” e nem de uma “razão universal”, e sim consequências da própria inteligência e vivência dos indivíduos. A partir disso, entendemos que *habitus* quer dizer muito mais do que mera repetição de ações feitas sem que haja uma parcela de responsabilidade e criação. Bourdieu entende que a partir da nossa história, do lugar que ocupamos na sociedade, herdamos certo conjunto de disposições para agir. *BARBOZA, Pedro; FERREIRA, Rodolfo. O que é habitus?. Blog Café com Sociologia, mar. 2021.* Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/habitus/>

pode não ter compromisso com a verdade factual e sim com crenças, ideologias, emoções ou preconceitos de acordo com a intenção de quem produziu a informação.

O sentimento de desconfiança generalizada e ceticismo em relação as instituições tradicionalmente portadoras da verdade como a ciência e a imprensa espelha em certa medida o relaxamento de um laço social importante a vida em sociedade, em outras palavras, “a confiança é difícil de sustentar entre aqueles que mentem uns aos outros. É por isso que a pressão por ser honesto tem sempre sido mais social do que espiritual, mais externa do que interna”. (KEYES, 2018. p. 29)

Esse esvaziamento da confiança está conectado as incertezas, inseguranças e instabilidades do mundo da era da informação onde as convicções, as crenças, a negação, as teorias da conspiração e as verdades provisórias da ciência são elementos que fazem parte do quadro geral onde estão inseridas as *fake news*.

De uma forma mais geral, não se trata assim de um império das mentiras e da total descredibilização da verdade, ou seja, para muitos indivíduos a questão é o desejo de que sua perspectiva dos assuntos seja a que vale, em outras palavras eliminar as narrativas diferentes da sua, para tanto, todos os elementos apontados anteriormente contribuem, em graus distintos e de acordo com a situação com o estado de pós-verdade.

Assim, manter seu ponto de vista tem mais valor nesse contexto do que verificar as fontes das informações que se recebe e compartilha, o viés de confirmação passa a ser a única bússola a ser seguida, portanto os discursos passam a materializar poucos elementos factuais e científicos do conhecimento, bem como a colocar de lado os mediadores e as instituições portadores do saber autorizado, ou conhecimento perito.

Nessa perspectiva, as convicções e as crenças formam esse universo dos saberes pós-verdadeiros onde:

A circulação desse conhecimento aumenta a partir do aumento da massa crítica de estudos e pesquisas acumuladas pelas ciências, aumentando o fosso entre os especialistas e os leigos. No vácuo entre um e outro, crescem as tentativas de simplificação do mundo, que o apresentam descomplicado, diretamente apreensível, inteligível, desfrutável, passível de simples manipulação: o pensar mágico por um lado, a pós-verdade, por outro. (FREITAS, 2020. p.12)

Dessa forma, a escolha que cada usuário/indivíduo faz diante desse ou daquele conhecimento está ligada ao universo conceitual e estrutural de determinada

construção social da realidade, ou seja, ao seu conjunto de saberes mobilizados na leitura e interpretação do mundo e de quais são as condições de validade do discurso para aderir ou não as notícias que circulam no campo digital. Ou seja, “em certas situações, tais notícias falsas são divulgadas pura e simplesmente por corresponderem às convicções já antecipadamente instituídas. (SEIXAS, 2019. p. 129)

Dito de outra forma, a pós-verdade não se resume a mentir e não é sinônimo de *fake news*, o estado de pós-verdade é mais um elemento sintomático da condição atual que coage o indivíduo a buscar refúgio e reforço contra a aceleração das transformações, é como o social pesa sobre ele e é como ele tem respondido, em parte, a essas mudanças. Seus valores, saberes e identidade ajudam a integrá-lo em uma comunidade, dão um sentido de estabilidade diante das incertezas de nossa época, nesse sentido os indivíduos se agrupariam em torno de um mínimo de crenças compartilhadas, onde:

A mais profunda dessas predisposições é a crença religiosa. Assim, quando a religião entra em conflito com a ciência, frequentemente a fé prevalece. Conforme as descobertas da pesquisa evolucionária aumentam e ficam cada vez mais estimulantes, o criacionismo simplesmente se entrincheira [...] Essa inclinação se apoia na “assimilação tendenciosa”: avaliamos a ambiguidade à luz de nossas convicções já existentes. (D’ANCONNA, 2018. p. 65)

Ao ler e interpretar os fatos a luz de convicções e crenças, sem maiores reflexões sobre aquela informação, sem ao menos o princípio da dúvida e do questionamento torna o risco de se afastar do verdadeiro e mergulhar no plausível maior, ser engolido pela retórica da pós-verdade e ampliar o potencial degenerativo do problema sobre o tecido social. Nessa realidade os indivíduos tendem a se fechar ao diferente, ao que questiona sua verdade, seu ponto de vista, sua crença, o habitus passa na situação de pós-verdade a ser potencializado para o aumento da distância entre indivíduos e comunidades para quem opinião ou convicção e crença são os verdadeiros critérios que validam argumentos e notícias. Sob esse modo de operar o indivíduo age com o intuito de estimular a própria convicção e pauta suas ações com o fim de não a deixar se extinguir.

Assim, os discursos pós verdadeiros que embalam as *fake news* nos dias atuais seguem a orientação do exposto nas linhas anteriores, é um exercício constante buscando a prevalência de uma opinião ou ponto de vista sobre os demais e isso baliza as postagens e compartilhamentos nas plataformas de mídia social, pois:

[...] valores e paixões estão sempre em jogo quando se busca explicar a razão das ações sociais na era da pós-verdade, ao menos em boa parte dos casos. Na medida em que o sujeito ama os seus próprios valores e, conseqüentemente, odeia os valores contrários, estabelece-se a tendência de acreditar, sem maiores sacrifícios e esforços intelectuais e reflexivos, em todo discurso no qual se vislumbrem os mesmos valores subjacentes. De maneira inversa, há, imediatamente, a tendência ao movimento da repulsa ou rejeição ao discurso ideologicamente contrário, justamente por não haver o compartilhamento de valores. (SEIXAS, 2019. p. 136)

Atualmente não basta falar a verdade, possuir um saber científico diplomado ou representar uma instituição acadêmica ou científica, para quem recebe uma dada informação, importa bastante como ela é apresentada, como o discurso do emissor se conecta aos anseios, expectativas e pontos de vista do receptor estando a questão para além do discurso racional, estando a receptibilidade da notícia em maior conta quando o carisma e popularidade de quem informa atinge um maior número de pessoas, em outras palavras quando o líder, o ídolo ou a celebridade acessa as crenças e as convicções do seu interlocutor.

Vivemos, desde o início de 2020, uma pandemia noticiada diariamente nos veículos de comunicação, milhões⁸ de pessoas morreram vítimas do novo Coronavírus, acompanhamos em tempo real a divulgação de pesquisas envolvendo tratamentos, remédios e vacinas para prevenir e combater os efeitos da doença. O negacionismo científico foi elemento protagonista quando se tratou das informações compartilhadas nas redes sociais entre os indivíduos, grupos e comunidades. O campo das redes foi palco de conflitos de discursos alinhados a investigação científica e outros ao negacionismo, veículos de comunicação também eram objeto de narrativas conspiracionistas, o que representava um saber autorizado foi “desautorizado” tanto por pessoas comuns como por agentes que representam ou representavam o Estado Brasileiro, a negação, assim, encorpou a situação de pós-verdade que faz parte da conjuntura atual, no Brasil e no mundo. A pandemia, como exemplo aqui mobilizado, não ficou de fora dessa arena de conflitos.

⁸ O número óbitos causados em decorrência da pandemia do novo Coronavírus segundo o site: <https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/dashboards/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6> em 17 de novembro de 2021 é de 5.119.239 para um total de 254.601.069 pessoas. O Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas da Universidade Johns Hopkins (EUA) desenvolveu esse site que mostra a propagação do novo Coronavírus no mundo. Os dados são abastecidos em tempo real com informações oficiais da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Mais um elemento que integra esse quadro são as teorias da conspiração que romperam as fronteiras de grupos antes escanteados e isolados e passou a afetar o grosso da população na era da informação. Os filtros profissionais, sejam eles institucionais ou individuais eram o alicerce da estrutura que passou a ser atacada por atores que se fixaram na malha das redes cujo vínculo tem base na não mediação institucional dos sistemas peritos, e sim na prioridade concedida à emoção e a um novo tipo de epistemologia que dispensa o fato e a evidência.

Nesse estado de pós-verdade que dispensa as evidências e onde pululam as ideias conspiratórias que desacreditam a ciência e os saberes peritos, esse discurso é alimentado nas redes e pelas redes, sobretudo as mídias sociais que não pressupõem compromissos éticos e ainda são bastante desregulamentadas⁹. Em outras palavras, como uma infecção resistente a antibióticos, uma teoria da conspiração virulenta pode se defender até de fatos incontestáveis. “Sua força popular depende não da evidência, mas do sentimento, a essência da cultura da pós-verdade.” (D’ANCONNA, 2018. p. 67)

A busca por conhecer a realidade na qual vive faz parte da natureza do homem, a curiosidade o faz se lançar ao novo e realizar novas descobertas, porém imaginar e supor explicações também fazem parte desse processo. Com a crescente desintermediação perita com base na confiança nos meios institucionais e nos seus agentes e na voz daqueles que com a internet e suas plataformas passaram a condição de protagonistas e produtores de conteúdo surgiram incontáveis explicações sobre praticamente todo campo da vida em sociedade, contestando a síntese e orientação dos meios modernos de legitimação do conhecimento e oferecendo aos usuários da rede respostas simples e rápidas sobre diferentes problemas e contextos, mesmo que por vezes sejam absurdas a simplicidade das repostas conspiratórias encontram a receptibilidade de um número cada vez maior de indivíduos.

O conhecimento e as verdades científicas são, nesse contexto, um alvo central dos negacionistas e conspiradores que atacam a ciência justamente naquilo que a faz

⁹ Um dos poucos marcos regulatórios é Marco Cível da Internet que estabelece como princípios que regulam o uso da internet no Brasil, enumerados no artigo 3º, dentre outros, o princípio da proteção da privacidade e dos dados pessoais, e asseguram, como direitos e garantias dos usuários de internet, no artigo 7º, a inviolabilidade e sigilo do fluxo de suas comunicações e inviolabilidade e sigilo de suas comunicações privadas armazenadas, salvo por ordem judicial, no entanto se restringe a questão da privacidade de dados e não tem em seu escopo questões relacionadas a conteúdo publicado.

científica, suas verdades provisórias e nunca acabadas que por serem incansavelmente avaliadas e testadas entre pares não pode ser concebida como o fim imutável de determinada questão.

Isso significa que, na ciência, toda verdade é provisória. Isto porque a ciência é alimentada pela pesquisa e pela investigação cujo objeto não é chegar à verdade total e para sempre verdadeira, mas sim, atingir, como diria Peirce, um novo estado da crença que, mais cedo ou mais tarde, levará a uma nova dúvida, e assim por diante. Uma investigação pode ser considerada finalizada quando ela é capaz de resolver uma dúvida ou um problema, quer dizer, ao obter uma nova crença sobre a questão proposta, sem que isso signifique o ganho de uma verdade para sempre inquestionável. (SANTAELLA, 2019. p.84-85)

A epistemologia científica pressupõe um tipo de conhecimento baseado na racionalidade e no método de cada área científica, ou seja, na observação, no método e na síntese, onde busca se aprimorar pelo debate com opiniões e experiências conflitantes, o que difere das narrativas pós verdadeiras que buscam se conectar justamente pelo viés de confirmação e convicções dos indivíduos. Porém, mesmo com todo vigor empírico e teórico a resposta científica a determinado problema hoje pode não ser a mesma daqui a algum tempo. Esse caráter provisório do conhecimento científico, ponto alto da ciência acaba também por ser seu calcanhar de Aquiles no estado de pós-verdade que a ataca justamente nesse ponto, transformando esse caráter provisório em relativização, substituindo a narrativa científica em verdades alternativas que frutificam cada vez mais na rede de ignorância dos indivíduos conectados as novas mídias.

Nesse exercício de buscar os elementos da pós-verdade não poderia ficar de fora suas raízes filosóficas que cresceram justamente no terreno das verdades provisórias da ciência, estamos fazendo referência ao pós-modernismo ou pensamento pós-moderno, que de tanto questionar a noção de realidade objetiva contribuiu para corroer a noção do que é verdade factual.

Seu terreno natural era a ironia, a superfície, o distanciamento e a fragmentação. Os filósofos pós-modernos preferiam entender a linguagem e a cultura como “constructos sociais”; ou seja, fenômenos políticos que refletiam a distribuição de poder através de classe, raça, gênero e sexualidade, em vez de ideais abstratos de filosofia clássica. E se tudo é um constructo “social”, então, quem vai dizer o que é falso? O que impedirá o fornecedor da “notícia falsa” de afirmar ser um obstinado digital combatendo a “hegemonia” perversa da grande mídia? (D’ANCONNA, 2018. p. 85)

Se, por um lado, esse pensamento estimulou uma sociedade mais pluralista com o reconhecimento de uma multiplicidade de vozes questionando as hegemonias

de então, por outro, serviu de combustível para uma forma de relativismo em relação as grandes narrativas que organizam a vida social, em especial a verdade científica e factual. A filosofia pós-moderna, enquanto filosofia do conhecimento, influenciou esse relativismo que paira sobre os diversos campos, como o da comunicação e o da informação, ele atingiu um estágio de simbiose com a era da informação e seu movimento de revolução tecnológica, tornando o pós-modernismo mais um estado de ânimo do que uma filosofia com base em argumentação sólida.

A ideia de verdades alternativas e relativas ao invés das verdades cuja epistemologia se baseia em evidências e métodos leva os indivíduos a escolherem lados com base em opiniões e crenças primárias inerentes ao próprio sujeito. “A organização insensata da informação – minha ‘notícia falsa’ versus a sua – coloca em perigo o valor da evidência sempre que ela é aplicada.” (D’ANCONNA, 2018. p. 92)

Existem muitas explicações sobre a realidade, muitas vagam pelo caminho da alienação tendo como suporte o relativismo generalizado e em meio a diversidade dos sujeitos e suas opiniões precisamos buscar meios de reeducar o olhar para as evidências e reforçar os pilares que ligam a ciência e o senso comum, a teoria e a prática para não deixarmos o tecido social caminhar para um estado de anomia generalizada.

Dessa forma, as convicções, as crenças, a negação, as teorias da conspiração, as verdades provisórias da ciência e a filosofia pós-moderna são os elementos que constituem o estado de pós-verdade. O elo que conecta esses elementos são os laços de confiança e talvez estejamos vivendo uma crise nos modos tradicionais de aferição da verdade e no modelo estabelecido pela ciência de obter essa verdade onde apenas os especialistas têm acesso direto a evidências. (BRUNO; ROQUE, 2019).

O fenômeno da pós-verdade pode ser apenas a ponta do iceberg: por baixo há um mundo em que a confiança está se dissolvendo. A confiança está sendo minada nas redes sociais, com novas crenças e novos valores que contestam o método científico e desafiam consensos há tempos estabelecidos. (BRUNO; ROQUE, 2019. p. 17)

Provavelmente, a dúvida quanto a determinado discurso emanado por alguma autoridade em dada circunstância é algo tão corriqueiro quanto os boatos e mentiras que acompanham a história das diferentes sociedades, porém o abalo da confiança nas instituições e especialistas que se constituíram ou se remodelaram na era moderna tem uma ligação estreita com a sociedade em rede que se formou a partir dos anos 1970. A hierarquia dos discursos com base na confiança não funciona como

outrora, a comunicação em rede horizontalizou os saberes no espaço público. No ponto onde qualquer usuário da internet com uma conta ou perfil nas redes sociais outorga-se como uma fonte de notícias ou informações o relativismo toma de conta, bilhões e ninguém são especialistas ao mesmo tempo.

Dessa forma, a confiança como fato social que promove a coesão entre os grupos sociais através de um compromisso sem rosto (GIDDENS, 1991) a partir dos sistemas peritos (abstratos) “passa atualmente, na era da informação, por um estado de crise e em uma reorganização nas formas contemporâneas de produção da verdade.” (CESARINO, 2021 p. 74)

Os sistemas peritos da Modernidade conferiam validade a saberes e atores sociais com base na perícia estabelecida e as pessoas leigas acreditavam nessa forma de produção de conhecimento levando em conta que não tinham condições óbvias de acessar aquele saber diretamente, então necessitavam da perícia dos especialistas como forma de transitar seguramente com base em um cálculo de custo e benefício que pressupunha confiança no funcionamento do conhecimento em relação ao qual a pessoa leiga é amplamente ignorante, ou seja, na mediação das instituições e de seus especialistas.

O estado de pós-verdade estruturou-se como fundamento anti moderno justamente ao desestabilizar a confiança na forma como o conhecimento era e é produzido, validado e mediado pela comunidade científica e essa nova situação se relaciona com a arquitetura das mídias digitais da era da informação e do capitalismo informacional.

A flexibilidade característica da pós-modernidade ou modernidade líquida “desestabilizou a economia de credibilidade dos cientistas, em outras palavras, a grande meta função da ciência em sociedades complexas como as nossas é produzir ordem, por meio da confiança social em um sistema de peritos”. (CESARINO, 2021. p. 77)

Esse processo de corrosão da mediação ocorre de maneira concomitante ao aumento da velocidade que recebemos notícias e informações em nossas redes sociais e aplicativos de conversa, onde passamos a dispensar a figura intermediadora do jornalista, professor ou médico, por exemplo. Nesse contexto, ao contato imediato com dado discurso ou evento formulamos nossa própria versão do conhecimento relativo a algo. A reflexividade moderna, de como pensamos aquilo que fazemos, dá lugar a um ato do reflexo pós-moderno baseado apenas na convicção ou crença, em

outras palavras, “as eu-pistemologias emergem a partir da crise de confiança nas formas de produzir realidade a partir do método científico, avançando em seu lugar a legitimidade da experiência individual, da trajetória de vida, dos sentidos imediatos, dos afetos e das intuições.” (CESARINO, 2021. p. 80)

Ao acreditar que o acesso direto ao evento ou informação traz em si o conhecimento, o indivíduo afasta o pressuposto da ignorância em relação aos mesmos passando a desconsiderar ou a considerar menos os profissionais, pois, segundo (GIDDENS, 1991. p. 101), “só se exige confiança onde há ignorância – ou das reivindicações do conhecimento de peritos técnicos ou dos pensamentos e intenções de pessoas íntimas com as quais se conta.” Ou seja, quando o indivíduo acredita que inexistente a necessidade de um salto de fé baseado na perícia de outrem, pois ele pode acessar uma informação e tomar sua decisão por si só a confiança perde seu sentido e, portanto, não há a necessidade de alguém ou alguma coisa para mediar.

Nesse novo contexto de validação e produção do conhecimento, todos são, independente de sua formação ou ausência dela produtores e consumidores de informação no meio digital.

A comunicação digital se caracteriza pelo fato de que informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários. Elas não são dirigidas e filtradas por meio de mediadores. A instância intermediária interventora é cada vez mais dissolvida. Mediação e representação são interpretadas como não transparência e ineficiência, como congestionamento de tempo e de informação. (HAN, 2018. p. 35)

Quando pensamos na pandemia do Covid 19 por exemplo muitos defendiam que o indivíduo deveria ser livre para transitar, aglomerar, tomar ou não vacina, respeitar ou não o distanciamento social conforme seus julgamentos e não conforme os estudos realizados por diversas instituições e cientistas, especializados na área da saúde, ou ainda mais especificamente no campo da epidemiologia.

O enfraquecimento de intermediários autorizados e “monopólios de mediação que, até então, estruturavam a produção e a circulação de informação na esfera pública é constitutivo do neoliberalismo; à desestruturação do Estado social corresponde a fragilização de estruturas epistêmicas como o sistema de peritos e a mídia tradicional. (CESARINO, 2021. p. 90)

O discurso neoliberal da não mediação do Estado esteve ai presente de forma marcante, em uma espécie de reformulação das bases epistêmicas da modernidade sobretudo utilizando a economia como significante para mobilizar seu argumento de

que não poderiam ser implementadas restrições sanitárias que afetassem as empresas e o emprego sob o risco de uma crise econômica catastrófica.

Mobilizou também argumentos embelezados por uma fina capa de liberdade de expressão que serviu para acirrar ainda mais o ambiente polarizado do país, sobretudo nas redes onde os pontos de vista passaram a formar enxames digitais (HAN, 2018) em torno de vários momentos durante a pandemia onde lados eram escolhidos a partir da premissa da negação da alteridade, e embora houvessem lados certos e errados no contexto o meio digital dificulta muito o diálogo com o outro, pois sua lógica é a do espelhamento, as pessoas não debatem mais com frequência, preferem o embate e o lado escolhido define na maioria das vezes o que é verdadeiro ou falso, certo ou errado, a mediação dos saberes perde espaço para a relação direta de consumo e produção que o indivíduo mantém com a informação nas mídias digitais e essa transparência cega na medida em que reduz ou elimina o papel do conhecimento baseado nos fundamentos e instrumentais das ciências.

Para a sociedade da transparência (HAN, 2017) conectada em rede a informação é acessível a todos que possuam conexão com o ambiente digital, em especial ao das redes sociais, é assim que operam as mídias digitais, tudo deve está aberto e de acesso direto, sem intermediários e em “busca por presas, os caçadores de informação rondam pela rede como por um campo de caça digital” coletando as notícias que lhes parecem úteis e as guardando em seus perfis para compartilharem na própria rede com outros grupos e usuários reforçando a imagem do espelho.

Esse momento disruptivo relativo ao conhecimento no qual vivemos a algumas décadas, que se intensificaram nas últimas e que caracterizam essa crise de confiança reafirmam uma necessidade de respostas das instituições e peritos, porém essas respostas não podem se restringir ao círculo acadêmico e profissional, precisamos abrir a janela, colocar a cabeça para fora e dialogar, debater e apresentar para além das verdades frias uma narrativa que seja inteligível e quiçá interessante ao senso comum, que possa reforçar valores que dialoguem com a verdade e que combatam a banalização das mentiras, precisamos romper as bolhas, não apenas as que se multiplicaram com as mídias digitais, mas as nossas entre pares da academia, precisamos encontrar esses meios e formas onde intervir. Segundo Matthew D'anconna, ao lidar com as *fake news* e o estado de pós-verdade,

Não é suficiente divulgar um comunicado à imprensa, aparecer em um canal de notícias ou twittar uma reprimenda. Os meios da reprimenda devem corresponder à cultura vigente. Um podcast viral, uma manifestação de protesto ou uma petição on-line podem fazer muito mais para banir uma mentira do que uma asserção objetiva do fato. É uma bola de neve, claro: uma batalha interminável entre distração e contra distração não contribuiria em nada para o discurso democrático. A verdade nunca deve ser comprometida pela teatralidade. No entanto, é ingênuo pensar que a batalha contra a pós-verdade será ganha recorrendo unicamente a técnicas de verificação rotineiras. (D'ANCONNA, 2018. p113)

Nesse sentido, aproximar o saber científico das pessoas nunca foi tão imperioso, ignorar o senso comum não é uma alternativa, o diálogo com ele sim, talvez seja um caminho para amenizar substancialmente o problema daqueles que veem nas narrativas do saber autorizado uma aura de tirania, um discurso que não inspira confiança por que emana de pessoas e instituições distantes da realidade do próprio universo do indivíduo comum que usa as mídias digitais e as redes sociais para reforçar seus argumentos diários, mas que traz consigo ainda um habitus repleto de reflexividade científica na medida em que buscamos bases explicativas empíricas para aquilo que defendemos, ou seja, a maioria das pessoas, a maior parte do tempo, confia em mecanismos os quais não entendem ou entendem muito pouco, mas quando se trata desta ou daquela questão absorve aquilo que o seu senso comum lhe imputa por questões ideológicas, de crenças, de costumes e hábitos. Construir um diálogo entre conhecimento científico e senso comum pode ser o meio para caminhar em direção a saída dessa crise de confiança e da era da pós-verdade.

3.5 Bolhas, algoritmos, las e o *Big Data*

A hiper comunicação e a hiper informação existentes atualmente exercem um fascínio do indivíduo pela velocidade no acesso a dados e pela facilidade de se conectar a outros sujeitos e comunidades, porém a complexidade da natureza digital do mundo social envolve também uma série de problemas nas relações que compõem o modo de comunicar e informar da era da informação. As bolhas comunicacionais, os algoritmos de programação, as inteligências artificiais e o *big data* são problemas ou pelo menos geram grandes desafios na forma como baseamos nossas tomadas de decisão, sejam elas de natureza política, sanitária, econômica ou de qualquer outra dimensão da vida em sociedade.

As expressões *você vive em uma bolha* e *você precisar furar a bolha onde vive* tão corriqueiras no vocabulário cotidiano descrevem bem o problema das bolhas de informação e a sua capacidade a partir da unilateralidade e da repetição de reforçar hábitos, pensamentos ou práticas inflexíveis.

A culpa é tão somente das novas tecnologias? Não. Talvez desde que existem sociedades na história humana os indivíduos tendem a se aproximar daqueles que lhes são parecidos ou despertam seu interesse, seja de qual dimensão da vida estamos falando, em outras palavras "a mente funciona por reconhecimento de padrões já conhecidos em detrimento dos desconhecidos." (SANTAELLA, 2019. p.18)

Sendo assim, o que mudou? Atualmente, as pessoas em geral passaram a buscar informações e se comunicar cada vez mais por meio das mídias sociais e isso se tornou um grande problema porque embora o meio digital tenha a capacidade para romper distâncias quebrando o tempo/espaço elas funcionam com uma lógica de produção que atende aos interesses do capital, ou seja, gerar o lucro. Então, como o caminho trivial dos sujeitos é buscarem o espelho, a saber, seus pares mentais, o efeito imediato é o fechamento desses indivíduos cada vez mais em comunidades (virtuais sobretudo) e também físicas cujo consumo de notícias provém de um número reduzido de fontes que minam a negatividade e extrapolam a positividade, relegam ou até negam a alteridade. É um reforço contínuo do que já se pensa, de como se age, no que se crer, as bolhas se avolumam e na mesma medida enfraquecem a capacidade de diálogo e criticidade, fortalecendo preconceitos, conspirações, estado de negação e todo tipo de violência. "Além disso, por não terem o hábito de checar a precisão do conteúdo daquilo que recebem, os usuários tendem a crer que os motores de busca só ofertam informações imparciais." (SANTAELLA, 2019. pg. 21) E essa é a lógica do capital na era da informação, fazer com que estejamos sempre conectados e expostos a anúncios personalizados conforme nossos rastros digitais indicam as plataformas, e essas, como em um exercício de compensação reforçam nosso ego alimentando-o apenas com aquilo que queremos independente da qualidade. Dessa forma,

O que agrava o problema é o isolamento do indivíduo dentro das bolhas. Na era das redes sociais, o sujeito se encontra encapsulado em multidões que o espelham e o reafirmam. São multidões de iguais, especulares, multidões de mesmos. Vêm daí as tais "bolhas" das redes sociais, cujo traço definidor é a impermeabilidade ao dissenso. (...) Não é verdade que a internet abriu vasos comunicantes entre múltiplas esferas públicas. Embora isso tenha acontecido em parte, e ainda possa acontecer mais, o que mais se verificou foi algo invertido: as redes sociais expandiram as muralhas que separam as

preferências egóicas e narcísicas que parecem presidir os agrupamentos mais ruidosos. Elas não põem as pessoas em rede; põem as muralhas em rede, muralhas privatizadas. (BUCCI, 2019.p.45)

Impera a caçada por cliques onde o indivíduo que usa as mídias sociais se transforma em produto comercializável vendido aos anunciantes que pagam as diferentes plataformas. As grandes empresas de tecnologia global como o *Facebook* (Meta) e *Google* amplamente ramificadas na rede mundial desenvolveram e aplicaram uma estratégia onde “os usuários entram no jogo como mão de obra (gratuita e, logo, escrava, como matéria-prima (também gratuita) e, por fim, como mercadoria.” (BUCCI, 2019. p. 46), porém alheios a sua condição de prisioneiros em bolhas cujo reflexo é a medida do que lhe basta, anulando a negatividade da vida social real.

A ideia de um ambiente que proporcionaria mais debate, diálogo e conhecimento, um pluralismo de concepções capaz de criar uma cultura de respeito e tolerância ficou no papel ou apenas na mente de alguns poucos desenvolvedores, pois “na prática a nova tecnologia promoveu o amontoamento on-line e um refúgio em câmaras de eco” (D'ANCONNA, 2018. p.52), ou seja, ampliou o problema humano do viés de confirmação, simplificou no sentido do empobrecimento intelectual realidades e situações complexas e multiplicou posições e ideias negacionistas e conspiratórias que afetam o funcionamento da sociedade ao desacreditarem especialistas e instituições.

Outrora livros sagrados guiavam discursos e ações, legitimavam posições a despeito dos fatos observáveis, atualmente o instrumento de bolso que direciona o indivíduo em escolhas ou não escolhas é o aparelho celular, seja Android ou IOS, conectado a uma rede mundial através do ciberespaço. Nesse ambiente,

Encontram-se, on-line, milhões de jovens mergulhados numa realidade paralela à qual são ferozmente afeiçoados. Em nome da defesa dessa esfera, estão prontos para mobilizar um poder de fogo enorme, capaz de derrubar e fazer grandes colossos mundiais se curvarem. (EMPOLI, 2020.p.96)

No interior desse ambiente virtual ingressam em comunidades padronizadas, as câmaras de eco ou bolhas de informação, como já apresentadas anteriormente cujo foco principal é manter os usuários engajados e conectados o maior tempo possível, os transformando em zumbis digitais que atendem a depender da sua bolha a esse ou aquele apito e cuja visão tende a enxergar apenas o seu próprio reflexo.

As bolhas possuem essa capacidade reducionista e as *fake news* por seu turno alimentam com desinformação o ambiente das primeiras, ou seja, os indivíduos em suas comunidades digitais veem diariamente (des) notícias que confirmam suas ideias e crenças e por força da ação dos algoritmos de programação não acessam, porque nem se quer chegam ao seu feed de notícias, argumentos e informações que contraponham suas noções pré-estabelecidas.

Dessa forma, as mídias sociais criam e reforçam comunidades apartadas onde tudo que lhe é oposto não lhe cabe, não serve e é rotulado interessantemente como *fake news*, os praticantes acusam sua oposição daquilo que eles fazem. O fato concreto observável ou o dado científico não exige para essa realidade um especialista (perito), nem tampouco um sistema institucional cuja expertise e saber acumulado lhe autorizam um lugar social de fala, pois cada usuário da internet, por meio de aplicativos como o *Whatsapp* ou o *Telegram*, rede sociais como o *Facebook*, o *Instagram* e o *You Tube*, ou ainda por meio de blogs ou sites pode produzir qualquer tipo de conteúdo para qualquer tema, uma publicação com aspecto de notícia que consumida no interior das bolhas potencializa seu efeito reflexo.

[...] a abundância permite que escolhamos os pedaços de informação mais adequados para confirmar e sedimentar nossa visão de mundo, seja ela qual for. É por isso que, ao mesmo tempo que temos acesso ao conhecimento científico com uma facilidade inédita na história, aumenta o número de pessoas que não acreditam em vacinas ou na esfericidade da terra. (PINHEIRO, 2019. p. 92)

No contexto da pandemia do novo Coronavírus o efeito bolha acarretou um agravamento generalizado das ações de prevenção e combate a doença, pois no caso brasileiro por exemplo, tivemos uma série de narrativas oriundas de vários segmentos da sociedade, de usuários comuns ao presidente da república, que compartilharam *fake news* em suas páginas e perfis nas diferentes mídias sociais criticando e deslegitimando a veracidade da própria doença, medidas de isolamento social, uso de máscaras e tratamento convencional sob o prisma da banalização do conhecimento e discursos que minaram a confiança nas instituições e nos especialistas, conjuntos de atitudes e ações que potencializadas pelas câmaras de eco amplificaram esse problema de saúde pública.

Mas diante da abundância de dados, como escolhemos esses pedaços de informação e até onde vai esse poder de escolha? No meio digital da internet e das mídias sociais existem programas que executam ações que filtram de forma

personalizada aquilo que nos é apresentado na tela do nosso equipamento de acesso a rede. “Empregados pelas poderosas empresas de tecnologia têm seu design destinado a traçar com precisão o perfil do usuário de modo a desenhar nitidamente a bolha a que pertencem.” (SANTAELLA, 2019.p. 16) Esse perfil é construído pelos algoritmos de programação que utilizam nossos rastros digitais como o que mais vemos nas redes sociais, desde interesses em produtos a posicionamento político e opção religiosa, de visão de mundo a pessoas que nos interessam, ou seja, nós mesmos fornecemos as iscas pelas quais somos fisgados. “Algoritmo é um conjunto de instruções matemáticas, uma sequência de tarefas para alcançar um resultado esperado em um tempo limitado.” (KAUFMAN, 2019. p.49)

Na lógica das redes quando não pagamos pelo produto que estamos consumindo ou utilizando, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter* e seus serviços é porque nós somos o produto, os anúncios que vemos com muita frequência são de marcas e empresas que são os clientes que pagam as plataformas para terem seus produtos oferecidos a usuários e grupos específicos cujos interesses e gostos já foram mapeados pela rede social que usamos. “É de graça e sempre será”, esse é o slogan da tela de acesso do *Facebook* que deve ser entendido como você não paga porque você já é o produto a ser vendido, assim funciona o capital informacional na estrutura das mídias digitais.

Dessa maneira, “o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma” (EMPOLI, 2020. p.20) Não se leva em consideração aspectos morais e éticos e sim os cliques e o tempo de engajamento. Conforme D'anconna,

Que fique bem claro: isso não é um defeito de projeto. É aquilo que os algoritmos se destinam a fazer: conectar-nos com as coisas que gostamos, ou podemos vir a gostar. Trata-se de algo bastante responsivo ao gosto pessoal e - até agora - bastante cego à veracidade. A web é o vetor definitivo da pós-verdade, exatamente porque é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois. (D'ANCONNA, 2018. p. 55)

Nesse ambiente não importa o fato concreto, a prova científica ou a palavra do especialista. O ecossistema da desinformação onde são produzidas e veiculadas as *fake news* é um amálgama de tecnologia, interesses econômicos e negação da alteridade, conspiracionismo, achismo e estado de negação, não há nada de neutro no uso da tecnologia da informação e comunicação. São ambientes tóxicos, onde se

discute para ganhar e não para construir consensos com base em argumentação. (SANTAELLA, 2019)

Ao mostrar o que queremos ver os algoritmos deixam de lado o que precisamos ver, seus modelos estatísticos codificam o viés de confirmação do indivíduo o que favorece o mercado com base em dados e gera um prejuízo enorme a vida em sociedade do ponto de vista das relações e das decisões ampliando, por exemplo, o potencial destrutivo de epidemias, regimes autoritários, preconceitos e outros problemas sociais capazes de produzir traumas irreversíveis a sociedade.

Os algoritmos de programação são elementos que constituem uma outra estrutura mais complexa denominada de Inteligência Artificial (IAs), esta por sua vez pode funcionar operando com diferentes algoritmos. Essas estruturas são capazes de filtrar e individualizar consultas e buscas, de informações a produtos, um consumo personalizado cujo menu aparece no *feed* de notícias das redes sociais e nas opções de busca do *Google*.

Tendo por base nossos rastros digitais, nossos dados expostos legalmente nas redes são compilados em gigantesca base de dados compartilhada na internet de uma maneira geral. Os conteúdos relevantes por categorias de usuários são assim mapeados em "processo baseado em modelos de redes neurais denominados *deep learning* (subárea de *machine learning* (aprendizado de máquina), que por sua vez, é uma subárea da IA)" (KAUFMAN, 2019.p.50)

Aprendendo sobre nossas inclinações, posições e gostos esse aparato tecnológico cria as bolhas onde comunidades de mesmos se inundam de si, ambientes homogêneos e socialmente enclausurados.

Nesse contexto onde o que importa é manter o indivíduo/usuário na sua bolha e engajado o máximo de tempo possível a Inteligência Artificial é utilizada e se utiliza das *fake news*, direcionando conteúdo tendencioso ou falso de forma automatizada e por meio dessa desinformação influenciando o modo de agir e o discurso das pessoas em relação a eventos e comportamentos cotidianos e até em situações de exceção como guerras e pandemia. Sobre esse ponto é importante observar que:

Os sistemas inteligentes das plataformas não visam, preferencialmente, oferecer o conteúdo de melhor qualidade aos seus usuários, mas maximizar seu tempo de permanência na plataforma, promovendo e ampliando ao máximo as interações por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários. Quanto maior o tempo e a intensidade da interação, mais dados são gerados, favorecendo os modelos de negócio baseados em dados. (KAUFMAN, 2019.p.55)

Essa customização gera uma comunicação pobre de olhar (HAN, 2018), milhares de *terabytes* de dados compilados e armazenados com o propósito da homogeneização, da manipulação e da monetização, o *big data* é o inventário de dados em rede que aponta o caminho para o controle digital das nossas vidas e o encurtamento de nossa capacidade de dialogar.

Esse gigantesco banco de dados que armazena todas as nossas ações no mundo digital aponta para um protocolamento total da vida (HAN, 2018) feito por empresas cujas plataformas como *Instagram, Facebook, Twitter, You Tube* ou *Google* "expõem a nossa vida para conseguir capital em troca das informações espionadas" (HAN, 2018.p. 124), com a grande jogada de ter nosso consentimento legal para isso em troca do uso "gratuito" dos seus serviços de busca e redes sociais.

Com todos os problemas e desafios da comunicação digital e suas tecnologias apresentados nas linhas desse capítulo é de se esperar que vozes, sujeitos e instituições levistem questionamentos sobre os impactos que a hiper comunicação e a hiper informação causam ao tecido social. Como pontuado anteriormente a qualidade das informações que servem de base para as nossas tomadas de decisão e o empobrecimento crítico e reflexivo que elas proporcionam têm levado governos e grandes parcelas populacionais a adotar discursos cada vez mais autoritários e de mero caráter opinativo, sem meio termo, sem diálogo e sem espaço para construção de consensos.

As *fake news*, ponto de partida desse trabalho dissertativo, mas do que problema central é um reflexo prático que materializa e exemplifica o estado das coisas em nosso atual estágio de desenvolvimento enquanto sociedade. Efêmeros, transparentes, fluídos, rasos e ignorantes são alguns dos adjetivos que podemos enumerar para descrever esse indivíduo da era da informação que produz, compartilha e acredita como nunca em tudo que julga e opina ser o certo. Aquele capaz de menosprezar uma pandemia, ser insensível a dor do outro, negar a medicina e a ciência e pôr a economia acima da vida das pessoas. O estúpido com *smartphone* na mão que julga saber e ser o descobridor de verdades ocultas, que cheio de si mesmo, imerge na própria ignorância.

O que podemos fazer para enfrentar esses pontos negativos de nossa era? Essa resposta também está sendo escrita por diferentes agentes e instituições sociais

e que vão desde tentativas de regulamentação, ferramentas de checagem de fatos e discussões nos espaços de ciência.

Nossa intenção aqui é construir uma proposta de enfrentamento ao problema a partir da escola, pois é nela que a criança e o jovem estão durante uma boa parte do dia desde os primeiros anos de vida até a porta de entrada da vida adulta. Nosso campo de saber é a Sociologia e a partir de referenciais teóricos, instrumentais de coleta e análise e procedimentos próprios desta ciência o objetivo é contribuir para uma formação que nos possibilite reverter o estágio atual descrito a priori.

4 O MATERIAL DIDÁTICO: COMUNICAÇÃO DIGITAL E *FAKE NEWS* EM TEMPOS DE PANDEMIA

As *fake news* são um objeto de estudo recente ao qual diferentes áreas do conhecimento têm dedicado tempo e esforço intelectual na observação e sínteses especializadas. Não são apenas recentes, estão presentes de forma ramificada pela nossa atual estrutura dos meios de comunicação, afetando tanto as mídias tradicionais quanto as mídias digitais e sociais, sendo essas últimas seu espaço por excelência.

Sua atualidade e ramificação na sociedade está acompanhada de diversos aspectos negativos como corrosão do debate público, negação da alteridade, ataques a democracia e as instituições, negacionismo científico e teorias da conspiração. Trata-se de um problema atual e de impacto que precisa ser combatido cotidianamente e de forma organizada em várias frentes.

Um dos espaços de enfrentamento as *fake news* e demais problemas da comunicação digital deve ser a escola, por ser um importante ambiente de socialização, instrução (instrumentalização) e educação onde a criança e posteriormente o jovem passa grande quantidade de tempo diário e tem contato com profissionais especializados nessa etapa do ensino e que podem e devem realizar a transposição didática de suas respectivas ciências e campos de referência.

Em nosso caso, a Sociologia é nossa ciência de referência, então para realizar o trabalho didático-pedagógico além da preparação e estudo que o professor de Sociologia precisar realizar a priori, também é necessário construir materiais com os quais os docentes possam trabalhar em sala de aula e os estudantes fazerem suas leituras, exercícios e pesquisas sobre o tema.

Com base no problema e na proposta de enfrentamento foi elaborado um material didático (cartilha) para ser utilizada em sala de aula, sendo esse o produto final entregue por esse trabalho de conclusão de curso juntamente com a pesquisa realizada, as observações e análises pós aplicação da cartilha.

Nos próximos tópicos do último capítulo abordaremos a concepção de educação midiática no ensino de Sociologia e sua instrumentalização (proposta didática) que dão base a cartilha e, por fim, uma análise da aplicação do material pedagógico apontando os limites e possibilidades observados pelos sujeitos que compõem esse trabalho: professor de sala de aula, pesquisador e estudantes.

4.1 Educação midiática e ensino de Sociologia

A educação midiática proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e abordada aqui como campo temático da pesquisa abrange várias ramificações como o acesso e a massificação das mídias, bem como as suas consequências positivas e negativas. No que toca a questão da informação e desinformação as redes sociais se destacam em sua veiculação, curtidas e compartilhamentos em uma velocidade sem igual, ao simples toque de um clique, mais íntimo e pessoal que os programas de telejornais e a deixar na poeira das estantes e bancas de revistas os periódicos impressos. As notícias passaram literalmente para as mãos das pessoas por meio dos smartphones, um acesso rápido e muitas vezes sem nenhuma curadoria o que causa desastres na formação intelectual e cidadã dos jovens, o que significa que a Educação deve manter uma relação muito próxima com os meios de comunicação,

Considerando que toda prática pedagógica corresponde a uma ação comunicativa, considerando ainda que toda comunicação refere-se a uma prática de transmissão de valores e referenciais de conduta é possível afirmar que as afinidades entre educação e comunicação de massa são explícitas e podem ser vistas como uma espaço de discussão privilegiado entre educadores na contemporaneidade. (SETTON, 2000.p. 103)

A educação midiática não é necessariamente algo novo, assim como as próprias notícias falsas, mas frente a progressão global dos problemas da comunicação digital, como as *fake news*, ela vem sendo renovada e revigorada, em outras palavras está atual e como tal ganhou espaço nos centros acadêmicos, plataformas educacionais, na escola básica com a BNCC e até mesmo na própria mídia digital, vinculada a órgãos públicos e privados.

Assim, quando falamos em BNCC e educação para as mídias destacamos a competência específica 6 (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) cuja redação é “participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” e a habilidade específica EM13CHS504 “analisar e avaliar os impasses éticos políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades

e culturas”. Ou seja, são formas de conhecimento a serem desenvolvidas no ensino médio que segundo o documento norteador do currículo da escola básica brasileira (BNCC) devem estar no radar de trabalho da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Como a educação midiática está conectada a necessidade de uma formação crítica, a escola e o saber disciplinar da Sociologia, embora o tema seja repleto de transversalidade, devem e podem respectivamente dentre outras funções e papéis evidenciar cientificamente e pedagogicamente os aspectos negativos desse acesso amplo as mídias, seus prejuízos a vida individual e coletiva, a liberdade de expressão, a cidadania ampla e irrestrita quando apropriadas de forma incorreta, e em nosso recorte, a saúde pública onde o dado estudado foram as *fake news* sobre a pandemia do Covid 19.

É, sem sombra de dúvidas, muito importante ensinar os jovens a identificar as notícias falsas, esse trabalho pode ser desenvolvido por meio de exercícios e através de ferramentas de checagem de informações que existem na própria internet, o que pode ser realizado também nas aulas de informática ou de componentes curriculares ligados a área escolar de conhecimento das Linguagens e Códigos, por exemplo.

Na área de Linguagens e Códigos podemos destacar as seguintes habilidades que dialogam com a educação midiática: EM13LP09 - Fazer curadoria de informações, tendo em vista diferentes propósitos e projeto discursivos, EM13LP35 - Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os impactos das novas tecnologias no campo e as condições que fazem da informação uma mercadoria e da checagem de informação uma prática (e um serviço) essencial, adotando atitude analítica e crítica diante dos textos jornalísticos, EM13LP38 - Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e sites checadores, etc.), de forma a combater a proliferação de notícias falsas (*fake news*) e EM13LP39 - Analisar o fenômeno da pós-verdade – discutindo as condições e os mecanismos de disseminação de *fake news* e também exemplos, causas e consequências desse fenômeno e da prevalência de crenças e opiniões sobre fatos, de forma a adotar atitude crítica em relação ao fenômeno e desenvolver uma postura flexível que permita rever crenças e opiniões quando fatos apurados as contradizem.

Trata-se de uma temática multidisciplinar que pede uma abordagem interdisciplinar, penso que a Sociologia pode oferecer caminhos para o estudo e o trabalho em sala de aula para além da competência e habilidade descritas na área de Ciências Humanas, pois nas quatro habilidades apresentadas no texto da BNCC que estão na área de Linguagens e Códigos sobre educação midiática mobilizam habilidades que dialogam com o estranhamento, a desnaturalização, a reflexão e a crítica característicos do raciocínio sociológico e que são abordados pela teoria da ciência de referência por autores como Manuel Castells e John B. Thompson. Assim, após uma pesquisa de embasamento científico, coleta e análise de dados empíricos chegamos ao material didático, apresentando na sequência as linhas gerais da sua produção.

O objetivo de trabalhar esse tema na Sociologia é incentivar os estudantes a raciocinar sociologicamente o fenômeno social das *fake news*, apresentando técnicas, métodos e conhecimentos teóricos para o contato frequente com notícias falsas e seus impactos sociais, rompendo a fronteira da identificação, buscando por meio da explicação e análise do objeto construir o processo de desnaturalização e estranhamento característicos do saber sociológico. Conforme as Orientações Curriculares Nacionais de 2006,

No caso da Sociologia, está em causa observar que os fenômenos sociais que rodeiam a todos e dos quais se participa não são de imediato conhecidos, pois aparecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais, sem necessidade de explicação, aos quais se está acostumado, e que na verdade nem são vistos[...] Mas só é possível tomar certos fenômenos como objeto da Sociologia na medida em que sejam submetidos a um processo de estranhamento, que sejam colocados em questão, problematizados. (BRASIL, 2006. p.106-107)

As *fake news*, bem como outros problemas da comunicação digital, constituem um dado visível e que foi se tornando algo comum, bem corriqueiro, em outras palavras um fenômeno naturalizado inerente a digitalização crescente de vários aspectos da vida individual e coletiva, porém deve a Sociologia, enquanto ciência e disciplina escolar oferecer referenciais teóricos e metodológicos para que os alunos desenvolvam uma postura intelectual autônoma e crítica diante desse objeto, pois:

A leitura do mundo passa hoje pela leitura desse maciço opaco de códigos e mensagens e, sem dúvida, pela lente da mídia. Participar do mundo social, político e econômico significa, de maneira semelhante, compreender, avaliar e saber usar criticamente as ferramentas digitais. (SAYAD, 2019. p. 70)

Assim, quando pensamos o papel da escola frente a esse problema vemos a educação midiática como um imperativo na realidade atual, é preciso ensinar e aprender o que é opinião e o que é fato, o contexto de validade do saber de determinado conteúdo presente na mídia digital, se fazendo necessário o combate ao ambiente polarizado da opinião pública, entender que os discursos veiculados e postados nas redes sociais possuem intencionalidades e que as *fake news* reforçam e são reflexos da contaminação do ambiente virtual por narrativas que marcam disputas de validade de diferentes saberes e lugares sociais.

Sem dúvida é esse o campo, o da educação, no qual é cabível depositar esperanças. O nome que se dá a isso é educação para as mídias e nas mídias, um conceito dinâmico que envolve a busca de procedimentos adequados para os desafios tecnológicos, sócias, culturais e políticos que se apresentam e que não podem ser enfrentados com promessas mágicas e ingênuas. (SANTAELLA, 2019. p. 26)

Dessa forma, entendendo a abrangência do problema social é preciso reforçar que identificar, estudar e analisar o fato e propor soluções de enfrentamento do problema precisam fazer parte do processo de ensino e aprendizagem escolar, aproximar mais a escola da realidade e das necessidades dos jovens e da sociedade no mundo contemporâneo, sendo essa uma dimensão do próprio ensino de sociologia, ou seja, se faz cada vez mais necessário, diante do cotidiano de incertezas que estamos vivendo e de um tecido social que sinaliza fragilização e instabilidade aprender em quais fontes de informação ou notícia podemos confiar, mesmo que essa confiança não seja completa, pois instituição e profissionais podem errar, mas também podem ser encontrados, cobrados e responsabilizados pela legislação e órgãos regulatórios.

A sociedade informatizada atual pede um tipo de educação que acompanhe o seu ritmo, mas que não seja seu espelho, ou seja, podemos economizar tempo na aquisição de informação devido aos avanços tecnológicos, mas com essa economia precisamos realizar a devida verificação (D'ANCONNA, 2018) daquilo que consumimos, a educação precisa buscar a emancipação dos indivíduos, pois estimular o pensamento crítico constitui elemento básico para construir uma cidadania plena, “fomentar a capacidade de estimular o pensamento questionador e permitir a capacidade de decisão sobre o que pensar.” (SANTANA et al, 2017.p.100)

A informação falsa, aleatória ou distorcida compartilhada nas mídias digitais, com destaque para as redes sociais precisa ser combatida também no ambiente

escolar e a Sociologia por meio da sua transposição didática pode servir muito bem a essa tarefa, pois assim como na saúde pública, o esforço da alfabetização digital é de toda a sociedade (PINHEIRO,2019) e a escola básica figura dessa maneira como um pilar para sustentar a base dessa tarefa, conforme (SANTELLA, 2019), o processo educativo pessoal, coletivo e público constitui a melhor proteção contra os problemas da comunicação digital.

A escola precisa ser uma instituição onde essa luta pode render bons resultados, para Frias Filho (2018, p.44), “o mais eficiente anteparo contra as fake news, a melhor barreira de proteção da veracidade continua sendo a educação básica de qualidade, apta a estimular o discernimento na escolha das leituras e um saudável ceticismo na forma de absorvê-las.”, porém segundo (Sayad, 2019), o que mais preocupa no Brasil é que o próprio debate sobre a importância da educação midiática já está atrasado com relação ao “espírito do tempo” que a escola deve abarcar. Assim, um currículo alinhado a essa perspectiva crítica seria uma ferramenta de muito valor na busca por uma educação integral e a Sociologia a partir de suas variadas disciplinas e abordagens uma das chaves de acesso para esse objetivo ser concretizado. Nesse contexto as OCNEM de 2006 observam que:

Entende-se que esse duplo papel da Sociologia como ciência – desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais – pode ser *traduzido* na escola básica por *recortes*, a que se dá o nome de disciplina escolar. Sabemos, mas sempre é bom lembrar, que os limites da *ciência* Sociologia não coincidem com os da *disciplina* Sociologia, por isso falamos em tradução e recortes. Deve haver uma *adequação* em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo. (BRASIL, 2006. p.107)

Estudar o efeito das mídias na sociedade, no caso em questão as *fake news*, precisa fazer parte do currículo e das práticas pedagógicas, a escola como instituição social e ponte entre o saber científico e sua comunidade pode propor alternativas a partir de sua práxis, pois não cabe ao docente apenas conhecer e tornar os problemas conhecidos ao seu público, é preciso intervir e apresentar ferramentas a esta intervenção. Assim, ciente da tarefa de explicar e construir caminhos para a intervenção Ileizi Fiorelli aponta que:

Pensar em maneiras de ensinar a Sociologia nos remete às reflexões epistemológicas da nossa ciência de referência: O que é a “imaginação” sociológica? O que é o “raciocínio” sociológico? Como podemos desenvolver com os alunos a “imaginação”, o “raciocínio”, as “formas de pensar”

sociologicamente? O que é a “sociologia” ou os “modos de pensar” sociologicamente? (SILVA, 2013. p.35)

Dessa maneira, para pensar o material didático entregue como produto da reflexão e pesquisa sociológica busquei também uma aproximação com a Pedagogia Histórico-Crítica operacionalizada por meio da didática proposta por Gasparin (2012) na construção dos procedimentos didáticos do produto, como o passo a passo que pode ser seguido pelo docente ao utilizar o material, por ser um método que tem semelhanças com a constituição do raciocinar e imaginar de forma sociológica e por apresentar um caminho cujos passos seguem trilhas que dialogam com a própria ideia de fazer ciência ao partir de pré noções e hipóteses, passando pelo trabalho com o material empírico até se chegar aos resultados ou a uma síntese mental, no caso da sala de aula, uma nova prática social. Nas palavras de Gasparin,

O processo pedagógico deve possibilitar aos educandos, através do processo de abstração, a compreensão da essência dos conteúdos a serem estudados, a fim de que sejam estabelecidas as ligações internas específicas desses conteúdos com a realidade global, com a totalidade da prática social e histórica. Este é o caminho por meio do qual os educandos passam do conhecimento empírico ao conhecimento teórico-científico, desvelando os elementos essenciais da prática imediata do conteúdo e situando-os no contexto da totalidade social. (GASPARIN, p.6, 2012)

De fato, existem variados processos de ensino-aprendizagem, ao optar pela didática de Gasparin (2012) o objetivo é utilizar um caminho que percorra o terreno de uma educação científica que comunique de forma clara e eficiente o conhecimento científico que estimule as percepções e visões de mundo dos estudantes, balizando suas tomadas de decisão de forma não engessada, pois a ciência não funciona assim, mas que abra horizontes e funcione como “fiel da balança” nas escolhas tomadas e discursos proferidos.

Essa opção de utilizar a proposta de João Luiz Gasparin apresentada no livro “Uma didática para a pedagogia histórico-crítica”, ocorreu a partir de exercícios prévios e reflexões em torno de possibilidades para o ensino de Sociologia discutidas no âmbito das aulas de Metodologia do Ensino, do Mestrado Profissional de Sociologia, e, além de nortear metodologicamente a construção do material didático oferecer um plano para sua utilização na escola básica com base na contextualização e na interdisciplinaridade, onde o objetivo para os estudantes é “garantir o desenvolvimento de uma postura intelectual diante da vida social e das práticas sociais em que estão inseridos”.(SILVA, 2009. p. 23)

4.2 Análise da aplicação da cartilha: limites e possibilidades

Após a aplicação do material didático chegamos a fase de analisar e avaliar como ocorreu e em que medida sua utilização pode ter contribuído no trabalho escolar do objeto em estudo. Para tanto, foram utilizadas as ferramentas metodológicas do formulário eletrônico e da observação em sala de aula de como foram trabalhados o tema e a cartilha, sendo dois formulários, o primeiro formulário feito a partir de questionamentos direcionados ao docente que aplicou o material e o segundo aos estudantes que utilizaram a cartilha como material didático sobre as *fake news*. A observação ocorreu nas aulas de Sociologia da 2ª série do ensino médio, por opção do docente e em acordo com a gestão escolar para não gerar uma demanda extra as séries iniciais e finais da escola devido a demandas específicas das mesmas como avaliações externas e processos de recomposição de aprendizagens relativas aos anos de pandemia.

Ao iniciar no dia 14 de outubro a aplicação da cartilha o docente fez uma explicação introdutória sobre o contexto da temática e do que seria abordado em sala durante as aulas sobre as *fake news* e, em particular, sobre a relação destas com a pandemia de Covid 19. Também tiveram lugar nesse primeiro momento uma fala sobre a interdisciplinaridade do objeto nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas e das linguagens e códigos no que diz respeito as *fake news* e a comunicação e sua relação também com ciências da natureza quanto a pandemia. O docente destacou ainda as habilidades e competências da BNCC que seriam trabalhadas durante as aulas, utilizando como suporte para essa introdução o material complementar da cartilha, na seção manual do professor que traz uma discussão sobre a educação midiática no ensino de sociologia em diálogo com outras disciplinas escolares.

Após o diálogo inicial com os estudantes foi utilizado o documentário “O dilema das redes” com o objetivo de materializar visualmente a discussão introdutória e fornecer mais elementos acerca de como as novas tecnologias das mídias sociais têm sido acionadas no debate público em relação a temas sensíveis da vida social, como política e saúde. Como atividade foi solicitado aos estudantes a produção de uma resenha do documentário articulando suas cenas com impressões particulares do(a)s mesmos cujo plano de fundo seja seu cotidiano que foram corrigidas e devolvidas com as observações do docente.

A aula seguinte, no dia 20 de outubro, foi iniciada com uma breve retrospectiva do momento anterior e, em seguida, o docente falou sobre a era da informação e de como diferentes segmentos da sociedade brasileira vivenciavam no cotidiano a relação com as tecnologias da comunicação utilizando o texto da cartilha entre as páginas 6 e 12, direcionando a atividade da página 9 para classe e a atividade da página 12 para casa. Finalizou a reflexão falando sobre alfabetização digital e perguntou aos estudantes sobre o que utilizavam em seus aparelhos de conexão com a internet, sobre quem sabia utilizar *e-mail*, o que sentia quando faltava internet em sua casa e complementou a discussão questionando sobre qual era a importância da internet.

A terceira aula focou na leitura da cartilha das páginas 12 a 23, leitura dividida com cada aluno ficando com um trecho onde a ênfase foi na influência dos avanços tecnológicos na sociedade, da importância da filtragem de informação oriunda da internet e no uso de fontes confiáveis de informação, como veículos de mídia profissional. Nesse momento houve uma interação maior nas turmas sobre a comercialização das informações pessoais, a monetização de plataformas e em como as opiniões pessoais tidas como verdades absolutas eram reforçadas por algumas *fake news*, sendo a aula finalizada com relatos do docente e dos estudantes sobre notícias falsas que causaram perseguição e violência contra pessoas inocentes. Foram encaminhadas para casa as atividades das páginas 16 e 22 da cartilha.

A quarta aula, no dia 03 de novembro, abordou as bolhas de informação e a transformação dos usuários das redes em produtos, ou seja, em como as informações que as pessoas deixam ao navegarem em sites e mídias sociais são utilizadas comercialmente pelas plataformas digitais e suas empresas clientes tendo como texto base a leitura complementar da página 23 e a atividade da página 24 como exercício sobre o tópico em classe, para casa foi indicada a pesquisa proposta na página 24 onde se pede que os alunos leiam os termos de aceitação e uso das suas redes sociais e destaquem 10 pontos que consideraram importantes saber sobre essas plataformas. Também foi tratada a forma como as redes sociais distanciam as pessoas das relações físicas e mais próximas, mais pessoais. Na parte final da aula, o docente abordou ainda o direcionamento de propagandas personalizadas e o perigo das *fake news* com fins eleitoreiros e políticos relacionados a saúde pública.

A quinta aula ocorreu no dia 17 de novembro, onde foi trabalhado o conceito de *fake news* tendo como material de suporte didático o primeiro tópico da unidade 2

da cartilha. Dessa forma a aula enfatizou o impacto da internet na proliferação de conteúdos manipulados e falsos e na facilidade em como se produz e veicula esse material nas redes sociais. O docente destacou em sua fala que as fake news possuem três características principais: desinformação, desconfiança e manipulação e que para enganar as pessoas dependem justamente do seu aparato tecnológico, citou como exemplos os algoritmos, redes sociais, inteligência artificial e *big data*. Finalizou a aula encaminhando para casa as atividades das páginas 33 e 36.

No dia 24 de novembro, sexta aula, foi utilizado um data show e o momento ocorreu no laboratório de informática da escola onde foram trabalhados em slides as imagens que constam entre as páginas 39 e 44, que são exemplos de fake news que circularam sobre a pandemia do novo Coronavírus e as tabelas que trazem informações sobre as categorias, os formatos e canais de divulgação dessas *fake news* das páginas 42, 46 e 47. Após esse momento o docente solicitou que os estudantes realizassem a atividade de pesquisa da página 45 sobre checagem de informações, após 15 minutos realizou uma devolutiva com os mesmos. Encaminhou para casa a atividade da página 48 para correção na aula seguinte.

No dia 01 de dezembro, aula de encerramento, o docente comentou algumas respostas trazidas pelos estudantes da atividade anterior e em seguida trabalhou oralmente as questões da seção do Enem. Finalizou a aula estimulando os estudantes a responderem e trocaram ideias e argumentos que foram construídos ao longo das aulas anteriores, por exemplo, que as *fake news* tem uma intencionalidade, que podem ser pagas para serem divulgadas sem checagem por diferentes plataformas digitais e que podem abordar todo tipo de assunto, mas a preferência é por aquelas que geram disputas e polarizações, portanto que geram mais engajamento e monetização, mesmo que causem prejuízos enormes em áreas sensíveis a vida, como uma pandemia.

Essa descrição anterior dos momentos em sala de aula foi realizada por meio de observação participante, onde podemos concluir parcialmente que o docente que ministrou as aulas sobre as *fake news* em tempos de pandemia trabalhou com a cartilha preparada como produto dessa pesquisa de mestrado o tema proposto, utilizando o texto do produto como ferramenta principal no planejamento e na execução das aulas.

O docente se utilizou do material complementar que possui uma discussão em torno do papel da sociologia na educação para as mídias, com referenciais tanto do

ensino de sociologia quanto da didática que poderia ser utilizada no decorrer da preparação para as aulas. Fez uso também, parcialmente, do cronograma proposto como plano de ensino da cartilha para o objeto de estudo em questão também presente no material de apoio do professor que consta no produto, adaptando, como a necessidade da escola e dos jovens nos compele a fazer por meio de determinados recortes o que ensinar, como ensinar e quando ensinar.

Além do momento de planejamento que antecede a execução das aulas foi possível observar que o docente aplicador da cartilha e do seu conteúdo realizou leituras coletivas de determinados trechos, fez amplo uso das atividades propostas, tanto os exercícios convencionais quanto aqueles que solicitavam pesquisa prévia e esforço de síntese. Trabalhou com as imagens de forma pausada e analítica, propiciou aos estudantes a análise das tabelas e gráficos, quanto aos vídeos (documentários, entrevistas e filmes) fez seu uso com a proposta de serem instrumentos geradores na introdução das discussões em diferentes momentos, assim, a compreensão é de que a cartilha foi útil e importante no trabalho escolar desenvolvido pelo docente de sociologia que aplicou o produto.

Nesse momento, após a descrição e observação do pesquisador sobre o trabalho com a cartilha passaremos a avaliação que o docente aplicador realizou do material construído. Por meio do formulário intitulado testagem do material didático comunicação digital e *fake news* em tempo de pandemia (apêndice B), o professor Ocivan Oliveira Moreira que leciona Sociologia na escola laboratório espaço dessa pesquisa, fez sua avaliação sobre a cartilha utilizada.

O professor é formado em História e atua exclusivamente na rede pública estadual do Ceará a três anos, tendo atuado anteriormente na rede privada de forma concomitante a pública por dois anos e em exclusividade na rede privada por dez anos. Há cinco anos o docente ministra aulas de história e sociologia, tendo em algumas ocasiões assumido também as disciplinas de geografia e filosofia. O docente informou que já havia abordado o tema das *fake news* em sala de aula, mas de forma indireta, sem esse ser o foco em si, mas como exemplo ou contextualização relacionados a outros conteúdos.

Com relação a cartilha o mesmo informou que considerava excelente a qualidade do corpus do material didático sendo dadas as opções de péssima, ruim, regular, boa, ótima e excelente. Quando a análise foi sobre a linguagem utilizada na produção do material e adequação ao nível médio da escola básica respondeu que

atendem parcialmente as expectativas e sobre as atividades propostas no material apontou que sim, atendem em qualidade e quantidade o trabalho com a temática em opções de sim, não e parcialmente.

O docente informou no mesmo formulário que acredita que a aplicação do material ajudaria a desenvolver nos estudantes um olhar crítico sobre as fake news no geral e relacionadas a pandemia do Covid 19 e que ficou satisfeito com os conceitos abordados no tocante ao aprofundamento teórico necessário para trabalhar o tema nas aulas de Sociologia, foram apresentadas novamente como opções sim, não e parcialmente.

Por fim, fez um breve relato avaliativo sobre os limites e/ou possibilidades no material apresentado:

“Com base na aplicação do material pedagógico proposto, podemos analisar que a temática abordada despertou muito interesse dos educandos no decorrer das aulas, observados por meio do envolvimento dos mesmos nas pesquisas, diálogos e atividades propostas, bem como o retorno nas atividades desenvolvidas pelos educandos. O material e sua estrutura didática simples, demonstrou-se eficiente na compreensão do tema de maneira geral, mas podemos observar um pouco de dificuldade na conceituação de alguns termos teóricos.” (MOREIRA, Ocivan, 2022)

Finalizou suas respostas no questionário de testagem do material afirmando que sobre a sua execução, o material apresentado é viável para o uso nas aulas de Sociologia, justificando que “apesar de toda obra nunca está acabada, o material é acessível e o tema é de suma importância” e propôs como sugestão para melhorar a cartilha “complementar com alguns jogos educativos”.

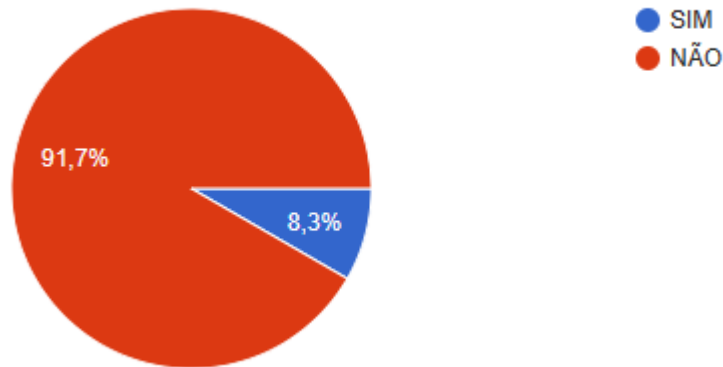
Com o objetivo de qualificar a avaliação do material didático foi elaborado um formulário eletrônico destinado aos estudantes, com perguntas sobre a abordagem do tema das *fake news* por meio da cartilha desenvolvida. Passaremos agora a observar os gráficos gerados e algumas das respostas dadas no formato de texto pelos estudantes.

A primeira pergunta buscou saber se algum dos respondentes havia estudado sobre as *fake news* antes da aplicação da cartilha proposta nessa pesquisa, onde a grande maioria respondeu que não, esse dado demonstra que para a escola onde foi desenvolvida a pesquisa e a produção de material didático era significativo abordar o tema no currículo desenhado para os jovens, pois sendo objeto de relevância no cotidiano se faz necessário ensinar instrumentos para que eles lidem com o problema diariamente, nesse caso, por meio do saber sociológico.

Gráfico 4 – Contato prévio com o tema

Você já havia estudado sobre as *fake news* antes da aplicação do material didático utilizado na sua sala pelo professor Ocivan Oliveira Moreira?

18 respostas



Quando foi perguntado se o material utilizado atendeu as suas necessidades de compreensão do tema as respostas foram afirmativas em sua totalidade sendo apresentadas como justificativas os seguintes comentários “pois deixa bem claro o conteúdo”, “é um material compreensivo”, “pois obtive muitas novas informações, que facilitaram a compreensão”, “me senti mais bem informado sobre o assunto”, “apesar de ser uma leitura difícil em alguns momentos consegui entender as partes mais importantes”, “foi o suficiente pra entender”, “o tema foi muito bem explicado”, “me fez prestar mais atenção nas informações que recebo das mídias sociais”, “porque é importante saber sobre as *fake news* para aprender um pouco sobre o assunto” e “por que nós estamos na fase difícil porque aparece tanta fake na internet só pra prejudicar a gente, como as propagandas de como ganhar dinheiro grátis”.

Podemos a partir dessas respostas considerar que na percepção dos respondentes tanto o tema é significativo quanto a cartilha e as aulas onde foi trabalhado o objeto ajudaram melhorar o entendimento sobre as *fake news* e seus prejuízos.

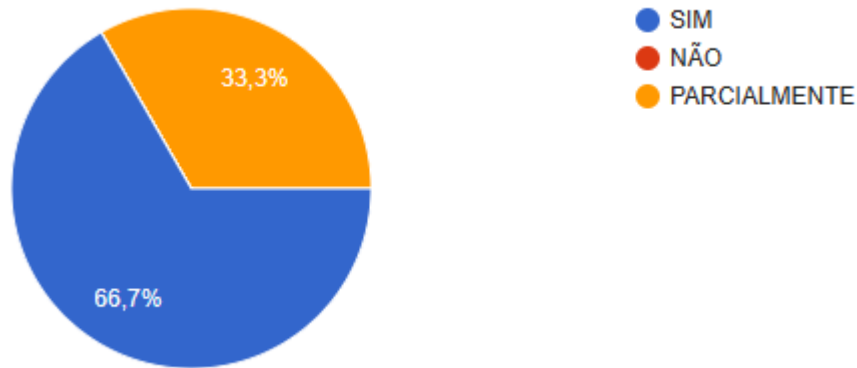
Foi perguntado também aos estudantes sobre as atividades que constam na cartilha, se a quantidade satisfazia as suas necessidades no exercício de reflexão e fixação do conteúdo.

O gráfico a seguir apresenta as respostas obtidas.

Gráfico 5 – Atividades da cartilha

Quanto a quantidade de atividades, você julga satisfatória?

18 respostas



As justificativas dos respondentes foram “interessante, mas também nem tanto”, “o tema foi bem abordado dentro da sala de aula foi fácil de se compreender, “por que é importante fazer as atividades mas não exagerar na quantidade”, “a quantidade foi suficiente”, “porque fez eu querer pesquisar mais sobre o assunto”, “o material está bem complexo, então com uma boa leitura dar para se compreender legal”, “realizamos diversas atividades, e nelas existiam tanto questões objetivas, quanto subjetivas, fora os resumos que fazíamos” e “estão na medida certa”.

É bem provável que o(a) estudante, na maioria dos casos, ao se deparar com atividades de uma maneira geral julgue que menos atividades facilitam sua execução de tarefas, porém elementos que apontam para o incentivo a estudar mais e tipos diferentes de exercícios faz compreender que esse quesito ficou posto de forma equilibrada na cartilha, em qualidade e quantidade, a partir da ótica dos respondentes, essas atividades foram revisadas com cortes, modificações e pontualmente com mudança de posição na cartilha para melhorar sua qualidade e diálogo com o texto.

Outro quesito muito importante na confecção de todo material didático voltado a educação básica são os elementos visuais (imagens no geral) do texto e sugestões de produções áudio visuais que materializem o conteúdo abordado facilitando a compreensão do objeto. Para tanto, foi solicitado no formulário de avaliação indicar se, com relação as imagens, tabelas, gráficos e sugestões, foram importantes para a compreensão do tema das *fake news*.

Gráfico 6 – Aspectos imagéticos e áudio visuais

Com relação as imagens, tabelas, gráficos e sugestões, você julga importantes para a compreensão do tema das *fake news*?

18 respostas



Nesse ponto, como podemos observar no gráfico acima foi consenso que os elementos propostos nesse quesito foram importantes para a compreensão do tema das *fake news*, pois um texto que foi pensado para ser trabalhado nessa etapa de escolaridade necessita tanto de uma escrita com a transposição adequada quanto de elementos gráficos que ajudem na consolidação das informações e conteúdos, e que estejam ali presentes com funções a desempenhar para além do caráter ilustrativo.

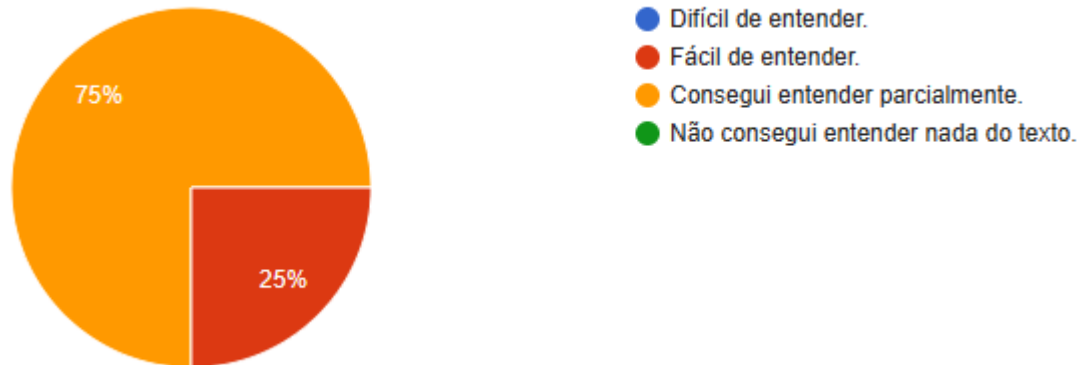
Sobre esses aspectos foram obtidas as seguintes avaliações “para melhor concepção do conteúdo”, “por que nos mostra um diâmetro da situação, de uma forma clara, segura e científica”, “ para analisar melhor o assunto”, “para entender melhor”, “eles trazem muito mais praticidade, principalmente quando os dados não são discretos, ou seja, quando são números grandes, além disso, os gráficos também apresentam de maneira evidente os dados em seu aspecto temporal”, “pois facilita o aprendizado e a compreensão, também ajuda ter uma noção melhor do quanto isso pode afetar as pessoas”, “é muito bom para a gente ter uma noção” e “facilita a compreensão”.

Em seguida foi solicitado que os estudantes fizessem uma avaliação do texto do material didático utilizado nas aulas sobre as *fake news*, informando o grau de inteligibilidade ou não que a escrita da cartilha proporcionou na compreensão do conteúdo trabalhado. O próximo gráfico ilustra essa avaliação.

Gráfico 7 – Texto do material didático

Como você avalia o texto do material didático utilizado nas aulas sobre as *fake news*?

18 respostas



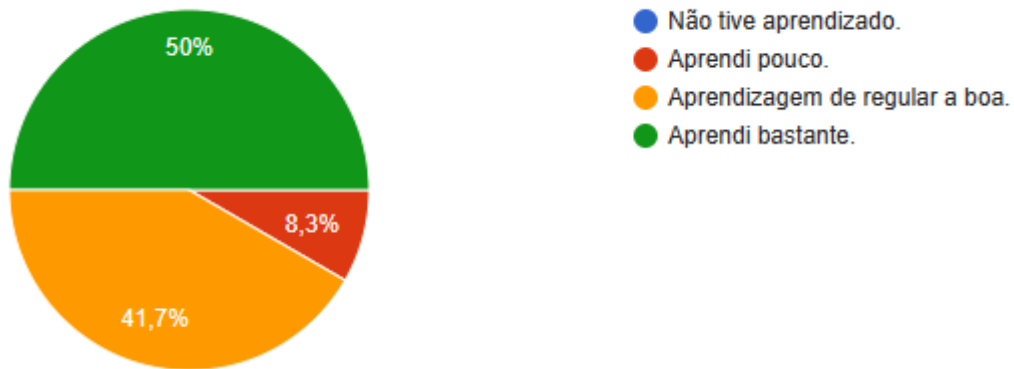
Comparando a avaliação do docente que aplicou o material que indicou que a linguagem do texto atende parcialmente as expectativas com a necessidade de esclarecimentos em alguns conceitos e as respostas do gráfico acima compreendemos que algumas adequações são necessárias para melhorar o nível de entendimento que os estudantes podem ter ao trabalhar com a cartilha. Para atender a essa demanda foi criada uma seção intitulada glossário, onde foram apresentadas definições para conceitos e termos presentes ao longo do corpo da cartilha que necessitavam de mais clareza para a sua compreensão, além disso algumas passagens também foram adaptadas ou colocadas em destaque na sua escrita com a mesma finalidade.

O próximo quesito do formulário dos estudantes foi sobre o estudo em sala com o material didático apresentado pelo professor e como avaliam o aprendizado em relação as *fake news* após as aulas trabalhadas. O gráfico a seguir traz os dados obtidos nesse ponto.

Gráfico 8 – Auto avaliação de aprendizagem com a utilização da cartilha

Após o estudo em sala com o material didático apresentado pelo professor como você avalia seu aprendizado em relação as *fake news*?

18 respostas



Para uma melhor leitura do gráfico foi pedido que com base na resposta anterior os respondentes escrevessem um pequeno relato sobre o que conseguiram aprender nas aulas sobre as *fake news*.

As respostas obtidas foram “devemos ter cuidado, denunciar esses tipos de atos”, “sobre como devemos ter cuidado ao compartilhar notícias ou algo do tipo, pois muitas vezes podem ser *fake news*, sempre verificar a fonte”, “as *fake news* podem ser uma arma midiática das redes sociais, para qualquer tipo de situação, tanto para prejudicar os outros ou para benefício próprio”, “que ela vem aumentando de uns tempos para cá”, “aprendi que *fake news* são notícias falsas geralmente utilizadas de forma pejorativa”, “sobre a importância de não compartilhar tudo que ver”, “aprendi que devemos sempre procurar saber se certa notícia é verdadeira porque pessoas podem se prejudicar por conta de uma *fake news*”, “aprendi que *fake news* não é só aquela mentirinha, é um perigo, pois dependendo do modo que se é publicado pode levar à morte”, “que no Brasil tem muita gente se prejudicando por essa *fake news*”, “aprendi que devemos tomar muito cuidado com as coisas que vemos, ficar sempre atentos quando recebermos notícias/informações, procurar saber se as mesmas são de fontes confiáveis, para não correr o risco de sofrer um golpe, ou coisa do tipo”, “que propagação de notícias falsas podem ocasionar várias coisas muitas das vezes ruins” e “que as *fake news* são um problema que precisamos combater aprendendo formas de nos proteger no mundo digital, precisamos checar tudo antes de repassar ou acreditar”.

As repostas coletadas indicam que os estudantes passaram a conceituar as *fake news* e a compreender que são um problema existente no universo das mídias sociais que prejudicam as pessoas em vários aspectos das suas vidas, que não

devem compartilhar notícias sem fazer uma checagem em veículos de comunicação profissional e que são um produto criado com alguma intenção de gerar benefício para alguém prejudicando o outro.

Complementando a questão anterior do formulário que solicitou respostas sobre o que os estudantes aprenderam nas aulas o próximo item pediu que com base no que estudaram escrevessem que precisa ser feito para combater as *fake news*.

Em resposta a questão os estudantes afirmaram “acho que devemos denunciar”, “um melhor estudo e conhecimento a ser passado”, “acredito que estabelecendo “regras” ou até mesmo punições (que sejam cabíveis e necessárias) para as plataformas ou mídias sociais que passam as notícias”, “alertar a todos o quanto é errado”, “verificar a fonte e não compartilhar tudo que ver”, “não acreditar em tudo da internet”, “procurar sempre saber se é verdadeira ou falsa”, “em primeiro lugar os responsáveis precisam obter o carácter, na minha opinião deveria ter uma punição rígida”, “acredito que a melhor forma é que, todos fiquem atentos, procurem saber mais, e avisar/divulgar as demais pessoas, para evitar que caiam nessas fake news”, “sistemas de filtração de notícias e leis para punir quem estiver propagando” e “fazer a checagem das informações em locais confiáveis que tenham profissionais especializados”.

Dessa forma observamos que as habilidades centrais no combate as *fake news* foram assimiladas pelos jovens, ou seja, checar, não disseminar, denunciar, melhorias nos filtros de notícias falsas nas plataformas e responsabilizar quem pratica o compartilhamento das *fake news*.

Nesse rol das aprendizagens para o combate ao problema, nenhuma resposta foi dada sobre buscar e responsabilizar quem produz a desinformação, apenas quem compartilha, sendo então necessário abordar mais esse ponto em intervenções futuras.

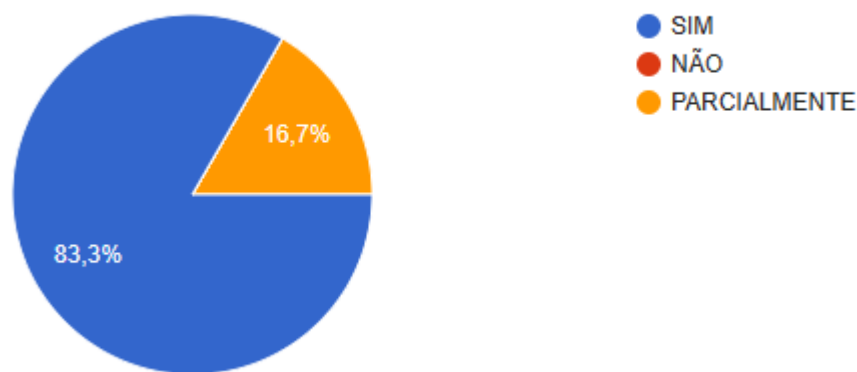
Concluimos o formulário de avaliação do aprendizado com a cartilha e sua aplicação perguntando se o material didático “*FAKE NEWS - Comunicação digital e fake news em tempos de pandemia*” foi útil no seu aprendizado em sala de aula sobre o tema.

Foi solicitado que primeiramente fizessem uma escolha entre as opções sim, não e parcialmente, em seguida que justificassem suas respostas. O gráfico a seguir mostra como foram as escolhas.

Gráfico 9 – Relação entre aprendizado e a cartilha

O material didático *FAKE NEWS* - Comunicação digital e fake news em tempos de pandemia foi útil no seu aprendizado em sala de aula sobre o tema?

18 respostas



Como podemos ver no gráfico acima a maioria dos jovens avaliou que a cartilha foi útil para o seu aprendizado, uma fração deles respondeu parcialmente e nenhum avaliou como não útil, o que indica que o material pode ser utilizado em uma escala maior na própria escola laboratório ou em outros espaços escolares, após um processo de revisão.

Em termos qualitativos obtivemos as seguintes respostas “sim, principalmente para tempo de pandemia e política”, “nos aprofundamos mais em um assunto que achávamos que sabia de tudo”, “foi possível descobrir coisas novas, e fazendo um pequeno debate dentro de sala com colegas, coordenador Renato, estagiário Maicon, e o professor Ocivan, tornou o tema, e o material ainda mais interessante de se estudar”, “me senti um pouco mais entendido sobre o assunto, eu antes sabia pouco sobre, mas agora estou mais informado”, “conheci um pouco da história da era da informação e como chegamos a tecnologia dos dias de hoje e quais os problemas que enfrentamos na comunicação digital atualmente, os exemplos também ajudaram muito” e “por que eu não utilizei muito mas com o que eu vi eu achei muito importante”.

Assim, a avaliação qualitativa via formulário eletrônico, possibilitou captar as impressões, elementos de aprendizagem e pontos a serem mais trabalhados ou melhorados na cartilha ou por quem vá aplica-la, ressaltando que o processo pedagógico é sempre complexo e que o refinamento da práxis docente e de todo material didático se faz necessário em um contínuo movimento de reflexão e revisão.

A pesquisa e o produto final (cartilha) precisam certamente de aprofundamento em diversas questões, contudo entendo ao final desse processo e a partir da análise realizada, que o uso de materiais didáticos diferenciados, pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando o aproveitamento do capital cultural dos jovens e ampliando o seu poder de interpretação, de reflexão crítica e de desnaturalização da realidade social, tal como esta pesquisa e as propostas apresentadas nela visam também estimular ainda mais discussões teórico-metodológicas e práticas de ensino a partir da sociologia da comunicação em diálogo com outros campos do saber.

5 CONCLUSÃO

O trabalho de conclusão de curso desenvolvido teve como objeto central o fenômeno social das *fake news* com ênfase no tema da pandemia do novo Coronavírus, sua constituição e impacto na sociedade devido a velocidade com que se propagam nas redes sociais, constituindo um problema a ser mais discutido pelas Ciências Sociais na escola, como parte integrante do currículo de Sociologia.

Para tanto, materiais adequados a metodologia da ciência transposta a didática de sala de aula são cada vez mais necessários ao trabalho docente e a relação ensino-aprendizagem, assim a proposta do trabalho de pesquisa se alinhou justamente a essa questão, abordando no campo da educação midiática o tema das *fake news*, onde a análise de conteúdo enquanto prática analítica foi apontada e utilizada como uma ferramenta de interpretação dos conteúdos compartilhados, tanto na escrita da dissertação quanto na cartilha produzida como material didático trabalhado na escola.

A dissertação constituiu o exercício da coleta de dados, da revisão de bibliografia especializada, da observação e da apresentação dos resultados da utilização do material elaborado com fins didáticos (cartilha), ou seja, a base conceitual e científica do produto entregue.

Esse produto, a cartilha, foi construído utilizando uma síntese de obras e autores de referência sobre as *fake news*, a era da informação e outros problemas da comunicação digital articulados ao pensamento sociológico em uma estrutura didática voltada a estudantes e professores do ensino médio contendo texto principal, textos complementares, atividades discursivas, de múltipla escolha e de proposição de pesquisa, sugestões de leitura, filmes, documentários e vídeos, tabelas, gráficos e imagens selecionadas com o objetivo de analisar o conteúdo das notícias falsas.

Com a sua utilização em sala de aula foi possível observar que os jovens foram capazes de aprender conceitos e de se familiarizarem com o objeto, compreendendo os desafios e problemas causados pela propagação de notícias fraudadas no ambiente das mídias sociais e como o problema afeta negativamente diversos aspectos da vida social e individual como ocorreu durante a pandemia do Covid 19, onde medidas sanitárias como isolamento social, uso de máscaras e aplicação de vacinas foram repetidamente atacadas como ineficazes e prejudiciais por diversos perfis e páginas, sobretudo de viés bolsonarista no caso brasileiro.

Foi possível observar também que as práticas de proteção e combate as *fake news* foram assimiladas de maneira satisfatória levando em consideração ser um tema ainda tangenciado na escola, onde muitos sujeitos são capazes de apontar genericamente o que são as *fake news*, mas nunca estudaram sobre o tema, deixando transparente a necessidade atual de educar para as mídias, em especial as sociais como *Instagram, Facebook, Twitter, Tik Tok e You Tube*, assim como para aplicativos de conversa capazes de serem utilizados também como meios de compartilhamento de conteúdo como o *Whatsapp* e o *Telegram*.

A avaliação da cartilha no ambiente escolar por parte dos jovens, do docente e do pesquisador apontou muitas potencialidades em seu uso, bem como uma dificuldade a ser corrigida, adaptar a escrita em certos trechos para que a transposição didática do texto seja mais eficiente, o tornando mais inteligível quando trata principalmente dos aspectos teóricos abordados, porém a avaliação considerou que no aspecto geral é um produto que contribuiu de forma satisfatória ao estudo escolar do objeto, pois foi capaz de conduzir os estudantes a uma síntese final que apontou a capacidade dos mesmos para identificar, problematizar, combater e se proteger das *fake news* após o trabalho em sala de aula.

Dessa forma, esperamos que o amadurecimento do trabalho pedagógico com o objeto no ambiente da escola contribua para que os jovens possam intervir conscientemente em suas realidades, não apenas interpretando-a, mas também agindo na luta pela construção de uma sociabilidade que tenha como parâmetros a democracia e o respeito a vida, compreendendo e desnaturalizando conteúdos e pontos de vista, explicações e informações aos quais estão expostos diariamente em seus *smartphones* principalmente, constituindo parcela significativa da sua vida.

Nesse sentido é preciso investir em pesquisas que abordem problemas cotidianos a serem discutidos no currículo escolar, como é o caso das *fake news*, e de maneira geral as mídias sociais que constituem um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas que enfatizem o espaço escolar e a temática sob os olhos da academia, estreitando os laços entre a universidade e a escola, ampliando o debate e construindo saberes, aproximando o conhecimento científico da vida dos jovens para que sejam preparados desde cedo a lidar com o combate a desinformação e a defesa da verdade factual por meio da formação escolar com qualidade

Nossa sociedade informatizada atual pede um tipo de educação que acompanhe o seu ritmo, mas que não seja seu espelho, não seja serva do mercado

financeiro e de suas instabilidades e que busque a emancipação dos indivíduos. A escola precisa ser uma instituição onde essa luta pode render bons resultados, um currículo alinhado a essa perspectiva crítica seria uma ferramenta de muito valor na busca por uma educação integral e a Sociologia a partir de suas variadas disciplinas e abordagens uma das chaves de acesso para esse objetivo ser concretizado. Esse trabalho de pesquisa conseguiu, dentro das suas possibilidades e recortes, apresentar uma proposta de trabalho viável em educação midiática atingindo bons resultados quando comparadas as síntese inicial e final dos jovens com relação às *fake news*, certamente deixou diversas lacunas a serem trabalhadas, mas apontou um caminho possível no ensino e aprendizagem do tema.

Dessa maneira, o objetivo de trabalhar esse tema nas aulas de sociologia foi incentivar os estudantes a raciocinarem sociologicamente o fenômeno social das *fake news*, apresentando técnicas, métodos e conhecimentos para o contato frequente com notícias falsas e seus impactos sociais, transpondo a identificação, buscando por meio da explicação e análise do objeto construir o processo de desnaturalização e estranhamento característico do saber sociológico e necessário para uma análise mais assertiva do problema.

Finalmente, devemos nos esforçar para garantir que esse caminho fortaleça a democracia e os valores como o respeito e ética, que a priori tenha como marca um processo de formação e socialização capitaneado pelo protagonismo da escola e do fazer docente, mediando e orientando a prática do jovem para quando utilizar dessa ferramenta (mídias) agir com responsabilidade social dada a devida instrumentalização e elementos teóricos que aprendeu com as aulas de sociologia desde a escola básica.

Com isso, mesmo diante dos ataques sofridos pela Sociologia enquanto disciplina ou componente curricular, ela permanece necessária e fundamental em sua posição de análise e enfrentamento, ajudando os sujeitos na compreensão de suas aflições coletivas, na desnaturalização das condições e no entendimento de como a sociedade da era informacional opera, e assim serem capazes de intervir sobre ela, com o conhecimento necessário para combater os problemas e propor alternativas, diminuindo os espaços daqueles que atentam contra a dignidade e a vida das pessoas com informações falsas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global.** Trabalho, Educação e Saúde [online]. 2005, v. 3, n.2. pp. 409-428. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462005000200009>. Epub 31 Out. 2012. ISSN 1981-7746. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462005000200009>. Acesso em: 31 ago. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BARBOSA, Mariana. **Pós-Verdade e fake news: Reflexões sobre a guerra de narrativas.** Cobogó, 2019.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 36 ed; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis. Vozes, 2014.
- BLANCO, Patrícia. **Desafios da liberdade.** Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2017/09/1919647-desafios-da-liberdade.shtml>
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular - Ensino Médio.** Brasília: MEC, p. 7-22 e 547-566, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em 15 out. 2021.
- BRASIL. Ciências humanas e suas tecnologias. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p.(Orientações curriculares para o ensino médio volume 3.Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em 30 out. 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 22. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- COSTA, Ana Maria Nicolaci. **A passagem interna da Modernidade para a Pós-Modernidade.** *In:* PSICOLOGIA, ciência e profissão. p. 82-93, 2004.
- CUNHA, Martim Vasques da. **A tirania dos especialistas: Desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho.** Civilização Brasileira, 2019.
- CHATES, Tatiane (org). **Perspectivas Educacionais em Tempos de Pós-Verdade.** 1. ed. Paco editorial, 2017.
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade: A Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de Fake News.** 1. ed. Faro editorial, 2018.
- DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas: séculos antes das redes sociais, os boatos e as mentiras alimentavam pasquins e gazetas na Europa.** El País, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://>

brasil.elpaiscom/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acesso em 15 abr. 2021.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital**. Sujeito, Espaço, Memória e Arquivo. 1. ed. Pontes, 2018.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. 1. ed.; 3. reimp. - São Paulo: Vestígio, 2020.

FORMAGGIO, Flávia.; MARTINS, Sara. **Aqui, ali, acolá: a Pós-Modernidade e o Facebook**. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 18, Bauru, SP: Intercom, 2013.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 1ª ed. Unesp, 2002.

GOMES, Wilson. **Internet e participação política em sociedades democráticas**. In: Revista FAMECOS. Porto Alegre, n.27, 2005.

GOMES, Wilson.; DOURADO, Tatiana. **Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. 16 n.2, 2019.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**: tradução de Lucas Machado- Petrópolis, Rj: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**: tradução de Ênio Paulo Giachini - Petrópolis, Rj: Vozes, 2017.

JAMIL, George L.;NEVES, Jorge T. **A era da informação: considerações sobre o desenvolvimento das tecnologias da informação**. In: Perspect. cienc. inf. Belo Horizonte, v. 5. n. 1, p. 41-53, jan/jun, 2000.

KEYES, Ralph. **Era da pós-verdade**: Desonestidade e enganação na vida contemporânea. 1. ed. Vozes, 2018.

LAZER, David. *et. al.*, **“The Science of Fake News”**. Science 359, n. 6380, 2018. PDF.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

ORTELLADO, Pablo.; RIBEIRO, Marcio. **Polarização e desinformação online no Brasil**. FES, 2018.

ORTELLADO, Pablo.; RIBEIRO, Marcio. O que são e como lidar com as notícias falsas. In: DOSSIÊ Sur sobre internet e democracia. v. 15, n. 27, 2018.

RODRIGUES, Carla. Capitalismo informacional, redes sociais e dispositivos móveis: hipóteses de articulação. **Revista Galáxia**, São Paulo, n.20, p. 70-83, dez. 2010.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** - Barueri-SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SEIXAS, Rodrigo. **A retórica da pós-verdade:** o problema das convicções. In: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.18, abr. 2019.

SERGL, Julio.; CUNHA, Grace. A relação entre o indivíduo pós-moderno, o consumo e a internet das coisas. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 16, n.39, p. 41-56, jan/mar, 2020.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Em foco: Educação e sociedade midiática.** USP. 2006.

SILVA, Emanuel Freitas da. **Igreja, “serviço essencial”?** Compreendendo argumentos de parlamentares evangélicos. PLURA, Revista de Estudos de Religião. Vol.12, n.1, 2021. p.218-243.

SILVA, Emanuel Freitas da; SILVEIRA, Emerson Sena da. A pandemia de Covid-19 sob a benção de Bolsonaro e evangélicos. **Revista Inter-Legere**. Natal, v.3, n.29, 17 dez. 2020.

SILVA, Ileizi F. **A imaginação sociológica:** desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes: experiências e práticas de ensino. In: FERREIRA, A.[et.al.] Relatos e práticas de Ensino de Sociologia de Ciências Sociais. Londrina: UEL, 2013. p. 35-54.

SILVA, Ileizi F. **Metodologias do Ensino e Sociologia da Educação Básica: aproximações com os Fundamentos Pedagógicos.** In: SILVA,I. F. Caderno de metodologias de ensino e de pesquisa de sociologia.1.ed. Curitiba-PR: SETI-PR, 2009.

TAVARAYAMA, Rodrigo.; MARTINS, José Roberto. **A sociedade da informação: possibilidades e desafios.** In: Nucleus, v. 9, n.1, abril, 2012.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ci. Inf.** Brasília, v. 29, n.29. p. 71-77, maio/ago, 2000.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO INICIAL AOS ESTUDANTES

Mestrado Profissional em Sociologia - UFC

Público-alvo: Estudantes da Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino - Ceará

Esse questionário tem por finalidade coletar dados para a pesquisa do trabalho de conclusão de curso de mestrado vinculado a Universidade Federal do Ceará sobre as notícias da pandemia do novo Coronavírus que circularam na internet ao longo dos anos de 2020 e 2021, em especial nas redes sociais. Nesse questionário o sigilo da identidade é garantido.

Identificação

Série: () 1ª ano () 2º ano () 3º ano

Idade: () 14 anos () 15 anos () 16 anos () 17 anos () 18 anos ou mais.

Sexo: () mulher () homem () outro

Religião: () católico () evangélico () espírita () umbandista
() candomblecista () outro () sem religião

1. Você utiliza redes sociais?

() Sim () Não

2. Se a resposta a questão anterior foi sim, quais são?.

3. Dentre as opções acima qual você mais utiliza?

- Instagram* *Facebook*
 Twitter Outra

4. Se optou pela alternativa **OUTRA** escreva abaixo qual você mais utiliza.

5. O que você mais busca nas redes sociais?

- notícias/informações
 postagens de artistas e famosos
 postagens de amigos/familiares
 postar minhas fotos e vídeos
 acompanhar perfis de políticos
 engajamento religioso
 temas que tenho interesse pessoal
 empregos e cursos
 bate-papo

6. Qual a importância de ter redes sociais?

7. Que equipamento você utiliza para acessar as redes sociais?

- computador celular tablet outro

8. Quanto tempo você passa em média por dia navegando nas redes sociais?

- até 1 hora entre 1 hora e 3 horas mais de 3 horas

9. Quando você lembra de redes sociais o que lhe vem à mente?

10. Você costuma buscar informações nas redes sociais?

- Sim Não

11. Se sua resposta foi **SIM** na questão anterior, sobre que assuntos você pesquisa nas redes sociais?

12. Confia nas informações compartilhadas nas redes sociais?

Sim Não Parcialmente

13. Você já ouviu falar de *fake news*?

Sim Não

14. Sabe o que são as *fake news*?

Sim Não

15. Se na questão anterior sua resposta foi **SIM**, cite um exemplo.

16. Qual sua opinião sobre a pandemia?

17. Chegou a ver algo sobre a pandemia nas redes sociais?

Sim Não

18. Lembra de alguma informação específica?

19. Já ouviu falar de bolhas de informação?

Sim Não

20. Poderia dar um exemplo?

21. Já acreditou em alguma notícia falsa que viu nas redes sociais?

Sim Não

22. Já visualizou algum amigo, familiar ou conhecido compartilhando *fake news*?

Sim Não

23. Utiliza ou utilizou as redes sociais para obter notícias ou informações sobre a pandemia do novo Coronavírus?

Sim Não

24. Sabe como funcionam os algoritmos de busca e programação que atuam nas redes sociais e no meio digital como um todo?

Sim Não

25. Acredita que informações compartilhadas nas redes sociais tiveram impacto na forma como as pessoas se comportaram e se comportam durante a pandemia?

Sim Não

26. Você segue o perfil ou a página de algum político?

Sim Não

27. Se a resposta a questão anterior foi **SIM**, cite exemplos.

28. Como você avalia a gestão do presidente da república diante da pandemia do novo Coronavírus?

Excelente Ótima Boa Regular

Ruim Péssima Não sei avaliar

29. Explique porque você avaliou dessa maneira.

30. Antes de compartilhar uma postagem você costuma verificar a origem das notícias compartilhadas?

Sim Não

31. Se a resposta a questão anterior foi **SIM**, cite exemplos.

32. Gostaria de estudar sobre o tema das *fake news* na escola?

Sim Não

APÊNDICE B – RELATÓRIO DE APLICAÇÃO DA CARTILHA

Mestrado Profissional em Sociologia - UFC

Público-alvo: o(a) docente das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Educação Básica da Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino – Ceará que leciona Sociologia.

Testagem do material didático **Comunicação digital e fake news em tempo de pandemia**. Esse questionário integra o trabalho de conclusão de curso de Antônio Renato Salgado Batista, sob a orientação do Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva, no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional na Universidade Federal do Ceará. Seu objetivo é realizar a testagem do material pedagógico tendo como público-alvo o(a) docente das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Educação Básica que leciona Sociologia na escola laboratório espaço dessa pesquisa. Após sua leitura e posterior utilização do material pedagógico enviado por e-mail em formato PDF intitulado **Comunicação digital e fake news em tempo de pandemia**, em sala durante as aulas de Sociologia, solicitamos sua avaliação sobre alguns aspectos do documento. Os dados coletados por esse questionário serão de uso restrito do autor do material e serão publicados no corpo do trabalho de conclusão de curso o qual integra.

1. Você se formou em qual(is) licenciatura(s)?

2. Onde você atua como docente?

- Rede Municipal de Educação Básica
- Rede Estadual de Educação Básica
- Rede Federal de Educação Básica (IF, Aplicação, CM)
- Rede Privada de Educação Básica

3. Você ministra ou ministrou nos últimos 3 anos a disciplina Sociologia no Ensino Médio?

Sim Não

4. Você aborda ou já abordou o tema das *fake news* nas suas aulas?

Sim Não

5. Considerando o corpus do material didático proposto como você avalia a sua qualidade?

Péssima Ruim Regular Boa Ótima Excelente

6. A linguagem utilizada na produção do material está adequada ao nível médio da escola básica?

Sim Não

7. As atividades propostas no material atendem em qualidade e quantidade o trabalho com a temática?

Sim Não

8. Você acredita que a aplicação do material ajudaria a desenvolver nos estudantes um olhar crítico sobre as *fake news* no geral e relacionadas a pandemia do Covid 19?

Sim Não

9. Você ficou satisfeito(a) com os conceitos abordados no tocante ao aprofundamento teórico necessário para trabalhar o tema nas aulas de Sociologia?

Sim Não

10. O núcleo gestor da sua escola apresentou obstáculos ou impedimentos a aplicação do material proposto em suas aulas?

Sim Não

11. Em qual ou quais séries você optou por aplicar o material e trabalhar com a temática?

1ª série

2ª série

3ª série

12. Justifique sua escolha na questão anterior.

13. Faça um breve relato avaliativo sobre os limites e/ou possibilidades no material apresentado?

14. Quanto a sua execução, o material apresentado é viável ou inviável para o uso nas aulas de Sociologia?

Sim Não

15. Porque você avaliou dessa maneira?

16. Nessa questão você pode indicar sugestões quanto ao material em si ou sua utilização.

APÊNDICE C - AVALIAÇÃO DA CARTILHA (ESTUDANTES)

Mestrado Profissional em Sociologia - UFC

Público-alvo: estudantes da 2ª série da Educação Básica da Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino – Ceará.

Esse formulário tem a finalidade de coletar dados sobre a aplicação do material didático intitulado **FAKE NEWS - Comunicação digital e fake news em tempos de pandemia** produzido pelo professor/estudante do Mestrado Profissional em Sociologia Antônio Renato Salgado Batista e aplicado em sala de aula pelo professor de Sociologia Ocivan Oliveira Moreira na 2ª série do Ensino Médio da Escola de Ensino Médio Jaime Tomaz de Aquino, escola da rede estadual do Ceará, localizada no município de Beberibe-Ce.

1. Você já havia estudado sobre as *fake news* antes da aplicação do material didático utilizado na sua sala pelo professor Ocivan Oliveira Moreira?

SIM NÃO

2. Caso a resposta anterior tenha sido SIM, onde você estudou sobre o tema?

3. O material utilizado atendeu as suas necessidades de compreensão do tema? Justifique sua resposta.

4. Quanto a quantidade de atividades, você julga satisfatória?

SIM NÃO PARCIALMENTE

5. Justifique sua resposta anterior.

6. Com relação as imagens, tabelas, gráficos e sugestões, você julga importantes para a compreensão do tema das *fake news*?

SIM NÃO PARCIALMENTE

7. Justifique sua resposta anterior.

8. Como você avalia o texto do material didático utilizado nas aulas sobre as *fake news*?

Difícil de entender.

Fácil de entender.

Consegui entender parcialmente.

Não consegui entender nada do texto.

9. Após o estudo em sala com o material didático apresentado pelo professor como você avalia seu aprendizado em relação as *fake news*?

Não tive aprendizado.

Apreendi pouco.

Aprendizagem de regular a boa.

Apreendi bastante.

10. Com base na sua resposta anterior escreva um pequeno relato sobre o que você conseguiu aprender nas aulas sobre as *fake news*.

11. Com base no que você estudou o que precisa ser feito para combater as *fake news*?

12. O material didático **FAKE NEWS - Comunicação digital e *fake news* em tempos de pandemia** foi útil no seu aprendizado em sala de aula sobre o tema?

SIM NÃO PARCIALMENTE

13. Justifique sua resposta na questão anterior.
